
CID SEIXAS

UMA UTOPIA

EM PESSOA

CAEIRO E O LUGAR

DE FORA DA CULTURA

Do mesmo modo que o poeta Alberto Caeiro é uma figura de ficção, a natureza por ele evocada em refutação ao simbólico é também uma natureza simbólica, ou, mais precisamente, uma *natureza hipostasiada*: uma conjectura filosófica.

Ao contrário de Kant, Caeiro olha para as coisas, e não para o animal simbólico que as contempla: sua utopia cognitiva consiste em ver o objeto em si, ignorando a relação desse objeto com o sujeito.

A série intitulada **Conhecer Pessoa** trata de questões da teoria do conhecimento e da arte, a partir das ideias estéticas e da criação poética de Fernando Pessoa.

Aqui estão, divididos em nove pequenos livros, os textos escritos por Cid Seixas a partir de uma pesquisa sobre a obra desse importante poeta da nossa língua e das suas diversas incursões pela filosofia e pelas ciências da cultura.

Observe o leitor que os autores antigos dividiam seus escritos em “livros”, cujas dimensões correspondem às grandes partes ou grandes capítulos das obras atuais.

Para atender à dinâmica de textos breves na internet, adotou-se aqui a partição do material em livros, forjando um elo no tempo.

UMA UTOPIA EM PESSOA:
CAEIRO EO LUGAR DE FORA DA CULTURA

Copyright 2017 Cid Seixas
Tipologia Original Garamond, corpo 12
Formato 120 x 180 mm
112 páginas



Disponibilização deste e-book:
<https://issuu.com/cidseixas/docs/9.caeiro>
<https://issuu.com/ebook.br/docs/9.caeiro>
www.e-book.uefs.br
www.linguagens.ufba.br

Cid Seixas

UMA UTOPIA EM PESSOA
Cairo e o lugar de fora da cultura



e-book.br
EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL



Conselho Editorial:
Adriano Eysen (UNEB)
Cid Seixas (UFBA/UEFS)
Alana El Fahl (UEFS)
Francisco Ferreira de Lima (UEFS)
Massaud Moisés (USP)

Livro I:

ESPAÇO DE TRANSGRESSÃO E ESPAÇO DE CONVENÇÃO

Livro II:

A CONSTRUÇÃO DO REAL COMO PAPEL DA CULTURA

Livro III:

A POESIA COMO METÁFORA DO CONHECIMENTO

Livro IV:

O SIGNO POÉTICO, FICÇÃO E REALIDADE

Livro V:

DO SENTIDO LINEAR À CONSTELAÇÃO DE SENTIDOS

Livro VI:

O ECO DA INTERDIÇÃO OU O SIGNO ARISCO

Livro VII:

A POÉTICA PESSOANA, UMA PRÁTICA SEM TEORIA

Livro VIII:

O DESATINO E A LUCIDEZ DA CRIAÇÃO EM PESSOA

Livro IX:

UMA UTOPIA EM PESSOA:

CAEIRO E O LUGAR DE FORA DA CULTURA

SUMÁRIO

1	Caeiro, o estraga-festa ou o metassimbólico	9
2	O único poeta da natureza	17
3	O poeta e a cultura	27
4	Caeiro, poeta impossível de existir	39
5	A poesia como metalinguagem	39
6	Referências e bibliografia	63
7	Obras do autor	105

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...

Porque só sou essa coisa séria,
um intérprete da Natureza,
Porque há homens que não percebem
a sua linguagem,
Por ela não ser linguagem nenhuma.

Alberto Caeiro



CAEIRO, O ESTRAGA-FESTA OU O METASSIMBÓLICO

A estrutura do conhecimento é levada à condição de tema nuclear da obra de Fernando Pessoa: as mais diversas formas de conhecimento, desde a ciência à arte e ao mito, constituem aspectos contemplados pelo pensamento pessoano, tecido pelo confronto de universos que vão da pragmática tecnológica aos ensinamentos da doutrina secreta. O mundo clássico e o moderno, a vida urbana e a rural, a objetividade e a subjetividade, a descrença e a fé, o realismo aristotélico e o idealismo platônico, clássicas referências da humanidade, estão harmonicamente contidos no caos e no cosmo do texto do poeta.

Longe de constituir um conjunto unitário e orgânico, o pensamento de Fernando Pessoa pode ser comparado a um *sistema aberto*, nos moldes propostos pela física. Constelar e aberto, pode cambiar elementos com os seus subsistemas constituintes, definindo-se pela tensão entre a unidade metafísica e a diversidade orgânica.

A fragmentação, a fratura e o falso são as tônicas do verdadeiro. Síntese exemplar da modernidade e desconstrutor que prenuncia a pós-modernidade, Fernando Pessoa é essencialmente um intelectual da cultura, uma presa da civilização, a se debater nas teias do simbólico.

Filósofos e linguistas concordam com a inversão da crença segundo a qual somos nós que falamos e dominamos a língua. Depositária da história e do momento, lugar de encontro do individual e do coletivo, é a língua que nos fala e domina. Para Wartburg, quando a criança aprende a falar, está também aprendendo a conhecer o espírito objetivo depositado na língua. Toda vez que surge uma nova vida humana, o espírito coletivo que vive na língua

transforma e modela esse indivíduo. Mesmo quando ele procura se expressar de modo pessoal, obedece aos contornos das palavras postas à disposição dos membros da comunidade linguística a que pertence. (Wartburg & Ullmann, 1943, p.190)

Pelas mãos de um escritor que evidencia essa realidade, surge a figura de ficção chamada Caeiro. Personagem nascida nas folhas e nos cadernos guardados na arca, Alberto Caeiro da Silva habita o cimo do outeiro como guardador de rebanhos e Mestre de uma outra humanidade, criada com o universo pessoano. O mesmo contexto de modernidade, que produziu o processo de invenção poética de Fernando Pessoa, levou Heidegger à célebre identificação da linguagem como morada do ser.

Como então dar a voz a um sábio que harmoniza o homem com a natureza através da negação da língua? Como reconhecer no verbo a matéria inaugural, a partir de um templo onde se cala e a fala funda o culto do silêncio?

“Se às vezes digo que as flores sorriem
E se eu disser que os rios cantam,

Não é porque eu julgue que há sorrisos
[nas flores
E cantos no correr dos rios...
É porque assim faço mais sentir aos
[homens falsos
A existência verdadeiramente real das
[flores e dos rios.

Porque escrevo para eles me lerem
[sacrifico-me às vezes
À sua estupidez de sentidos...
Não concordo comigo mas absolvo-me,
Porque só sou essa coisa séria, um
[intérprete da Natureza,
Porque há homens que não percebem a
[sua linguagem,
Por ela não ser linguagem nenhuma.”
(Pessoa, 1972, p. 220)

Como dar a voz a um sábio, ou a um nés-
cio, que nega a linguagem? Como dar ouvidos
à fala que se nega a si mesma? Como pensar
um sábio que se sabe equívoco?

São contradições que Caeiro nos impõe, ao
ser aceito como poeta e mestre da *causerie*

peçoana. Já vimos em Bernardo Soares que Pessoa ultrapassa radicalmente, e por antecipação, a revolucionária proposta heideggeriana da Linguagem como morada do Ser. Na formulação de Soares, a essência seria a Linguagem, enquanto ao Ser estaria reservado o simples papel acidental de projeção da realidade instaurada pelo Discurso. O Ser que habita a Linguagem seria um personagem de ficção nascido da realidade concreta que é o Texto. Simultaneamente lírico e dramático: épico, por narrar a aventura do espírito.

A linguagem funda o não-ser: “O mito é o nada que é tudo” (Pessoa, 1972, 139); “um novo deus é só uma palavra” (p. 72).

Aqui, novamente, o versículo bíblico se refaz, ecoando as palavras de João: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.” (João, 1.1.) “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (1.14.).

Segundo o grande mito judaico-cristão, Deus não fez. Mas disse: faça-se. E tudo foi feito a partir da palavra divina. Da mesma forma que o primeiro Livro de Moisés, nomeado Gênese, tomou o verbo como matéria inau-

gural, a linguagem é a realidade primeira no universo de Pessoa. A primazia da linguagem é manifesta em diversos momentos do *Livro do Desassossego*, como o fragmento número 15, por exemplo, que se inicia com uma declaração fetichista da palavra, enquanto sensualidade incorporada, e termina com a célebre lembrança de leitura da obra de Vieira:

“Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa.” Ou ainda: “Não choro por nada que a vida traga ou leve. Há porém páginas de prosa que me têm feito chorar. Lembro-me, como do que estou vendo, da noite em que, ainda criança, li pela primeira vez numa seleta, o passo célebre de Vieira sobre o rei Salomão. «Fabricou Salomão um palácio...» E fui lendo, até ao fim, trêmulo, confuso; depois rompi em lágrimas felizes, como nenhuma felicidade real me fará chorar, como nenhuma tristeza da vida me fará imitar.” (Pessoa, 1982, p. 16)

A aparição de um poeta como Caeiro na densa floresta de símbolos do cosmo pessoano é como uma tocha de fogo soprada pelo vento no milharal. Antes de ser o mestre, Caeiro não seria o estraga-festa? – não fosse o meta-simbólico?

Compreendido como negação da cultura e do simbólico, lugar de silêncio da linguagem, Caeiro quebraria o encanto do mundo instaurado por Pessoa, revelando o seu *non sense*, e propondo a inutilidade da própria escrita heteronímica. Assim compreendido, o chamado Mestre não seria um poeta, mas uma contradição capaz de provocar uma fenda na dialética da construção estruturada pelo projetista do engenheiro Álvaro de Campos: um incerto senhor Fernando; Antônio, também; nascido na atônita casa dos Nogueira Pessoa.

Senão, vejamos aquele que se proclama o único poeta da natureza.

Se o homem, criação da cultura, constitui o seu mundo pela soma de experiências cognitivas, sentimentos e desejos de obscuros objetos; o animal, criatura da natureza, recebe um mundo já constituído, através dos sentidos da visão, da audição, do olfato, do tato e do gosto.

O ÚNICO POETA DA NATUREZA

O testamento poético de Alberto Caeiro – se assim posso rotular o poema sem título identificado pelo verso inicial – “Se depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia” – serve de apresentação e de despedida do pastor de ideias:

“Se depois de eu morrer, quiserem escrever
[a minha biografia,
Não há nada mais simples
Tem só duas datas – a da minha nascença
e a da minha morte.
Entre uma e outra coisa todos os dias são
[meus.

Sou fácil de definir.
Vi como um danado.
Amei as coisas sem sentimentalidade
[nenhuma.
Nunca tive um desejo que não pudesse
[realizar,
porque nunca ceguei.
Mesmo ouvir nunca foi para mim senão
[um acompanhamento de ver.
Compreendi que as coisas são reais e todas
diferentes umas das outras;
Compreendi isto com os olhos, nunca
[com o pensamento.
Compreender isto com o pensamento
seria achá-las todas iguais.

Um dia deu-me o sono como a qualquer
[criança.

Fechei os olhos e dormi.
Além disso, fui o único poeta da Natureza.”
(Pessoa, 1972, p. 237)

Se o homem, criação da cultura, constitui o seu mundo pela soma de experiências cognitivas, sentimentos e desejos de obscuros

objetos; o animal, criatura da natureza, recebe um mundo já constituído, através dos sentidos da visão, da audição, do olfato, do tato e do gosto.

Distanciado da apreensão direta das coisas, o prisioneiro da cultura submete seus sentidos e sua experiência primeira ao vento ancestral da razão: o pensamento simbólico. Entre mim e o mundo que a natureza criou, um outro mundo se entrepõe: o mundo cultural, síntese de experiências coletivas e individuais anteriores, que empresta suas fôrmas para que eu molde minha percepção.

O poeta, como o menino, sente-se nascido, a cada momento, para a eterna novidade do mundo. No texto poético, conhecer não é classificar, nem submeter o desconhecido às categorias do já visto: “Olhos novos para o novo”, conforme a proposta de Pedro Kilkerly, publicada no *Jornal moderno*, de Salvador, do dia 4 de março de 1913. (Kilkerry apud Augusto de Campos, 1970, p. 43) A frase do simbolista baiano, traduz idêntica proposta do poeta português que no mesmo ano começava a dar corpo aos seus heterônimos.

Os olhos precisam estar limpos da poeira do tempo para que possam ver *que as coisas são reais e todas diferentes umas das outras*. Tal compreensão, segundo Caeiro, se dá com os olhos e não com o pensamento, porque este tenderia a achá-las iguais. É a isso que se chama de *olhar inaugural* (Coelho, 1982, p. 154), que o guardador de rebanhos soube tão bem redescobrir. Uma frase contém toda plenitude de uma vida; a vida de Alberto Caeiro: “Vi como um danado.” O olhar seria o sentido maior; avesso do pensamento.

Nessa poesia sem metáforas e figuras de pensamento (a de Alberto Caeiro) que não sejam símiles – comparações evidentes à primeira vista – o olhar não seria uma grande figura? A metáfora maior, primordial, portanto?

Ver seria, então, uma espécie de metáfora obsessiva do plácido Mestre da paz. E eu me pergunto: seria possível tal turbilhão de pensamentos na voz do silêncio? Uma poesia aparentemente primitiva e simples esconderia sua sedução imagística sob o manto diáfano de um sistema metafórico?

Da tranquila paisagem sem figuras, Caeiro tange seu rebanho de nuvens, como se estivesse respondendo às indagações, sem nada responder – apontando noutra direção o dedo do olhar:

“O que nós vemos das coisas são as coisas.
Por que veríamos nós uma coisa se
[houvesse outra?
Por que é que ver e ouvir seria
[iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?”

O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê.”
(Pessoa, 1972, p. 217)

Neste poema da suíte “O guardador de rebanhos”, a recusa de todo objeto vicário ou de todo signo, entendido enquanto coisa que está em lugar de outra coisa, implica, necessariamente, na recusa do pensamento simbólico – aquele que se dá através da linguagem – a

mais complexa formulação da ausência.

Traçando o espaço do homem por entre as linhas dos cinco sentidos, Caeiro rejeita o sexto sentido conquistado: o sentido simbólico, responsável pela apreensão da ausência e pela sua conversão vicária. Na poesia do mestre, a presença faz fronteira com os limites do olhar.

Se o homem amplia o espaço que lhe foi reservado pela condição animal, os novos limites perdem enquanto ganham. A realidade humana vai além do que o pentágono dos sentidos alcança; mas, por medo de se perder, lança âncoras sobre o nada em que se amarra. Cada cultura estabelece os limites do real através de um processo de convenção implícita. Neste espaço de convenção vestimos as máscaras disponíveis, que Leon Trotsky (1971, p. 71) chamou de o guarda-roupa de segunda mão das épocas. O mundo da cultura ultrapassa a materialidade do mundo animal, mas, ao substituir o visível pelo imaginário, desvia o olhar do que ainda não foi visto, perdendo a direção do objeto pleno. Outros objetos serão construídos, muitos, milhares, gastando esforços e energia suficientes para descobrir os re-

cônditos da natureza. Objetos cheios de vida que se convertem na nossa vida; incapazes, porém, de capturar o obscuro objeto do desejo.

Ultrapassamos o universo animal, nos tornando criadores; como se deuses fôssemos. Rompemos a fronteira da presença para encontrar vozes e sentidos na ausência. Mas não lançamos o olhar além dos limites da convenção social, do velho mundo herdado dos ancestrais. Com o saber recebido, recebemos também não-saberes, dissabores: vendas para os olhos e desvios para os caminhos tangenciais. Só no sonho ou na arte legitimamos o risco, a contravenção do estabelecido. O percurso do olhar é traçado pelos objetivos da civilização, e não pelo movimento do objeto.

Caeiro recusa tal prisão – a submissão das percepções do homem às diretrizes da cultura –, propondo o retorno à dimensão primitiva das coisas.

“Mas isso (tristes de nós que trazemos a
[alma vestida!],
Isso exige um estudo profundo,

Uma aprendizagem de desaprender.”
(Pessoa, 1972, p. 217)

O mesmo mestre da simplicidade admite o quanto complexo seria desnudar a alma, pendurando num cabide as vestes que a cultura cingiu ao corpo diáfano. Despidas as vestimentas que o vento dá corpo, o que sobraria desta alma humana que a cultura veste para que seja vista – e exista?

Sobraria, talvez, o vácuo, o vazio. O nada desnudo.

“O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo –
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.”
(Pessoa, 1972, p. 72)

Desvestida a alma dos vínculos com a cultura, veríamos diante dos nossos olhos esta mesma alma desnuda se desmanchar, não ficando nada que não fosse a veste, vazia.

Mas o poeta da natureza continua cantando; fazendo da sua arte um monumento de impugnação contra a própria arte; valendo-se da fala para dizer o silêncio; falando a língua dos homens para anunciar a falência da fala, enquanto linguagem.

Fernando Pessoa procura, ao encarnar o mestre Alberto Caeiro, o lugar de fora da cultura. Sabemos, com os antropólogos, que a cultura tem muitos lugares, os existentes e os inventados por esta ficção inverossímil chamada cotidiano.

A cultura é a ubiquidade. Mesmo tendo muitos lugares, ela talvez não tenha o lugar de fora de si mesma. O silêncio absoluto.

Caeiro olha para as coisas, e não para o animal simbólico que as contempla: sua utopia cognitiva consiste em ver o objeto em si, ignorando a relação desse objeto com o sujeito.

O POETA E A CULTURA

O poema XI de “O guardador de rebanhos” declara inútil o simbólico e vã a intervenção do homem sobre o mundo:

“Aquela senhora tem um piano
Que é agradável mas não é o correr dos rios
Nem o murmúrio que as árvores fazem...

Para que é preciso ter um piano?
O melhor é ter ouvidos
E amar a Natureza.”

(Pessoa, 1972, p. 213)

A arte é reconhecida como uma forma de interpretar a natureza, ou de representá-la;

uma forma vicária, simbólica, portanto. A música aparece como recriação do correr dos rios ou do murmúrio das árvores, perante os ouvidos de quem não sabe ouvir a natureza. Imitação da imitação, conforme a sentença platônica.

Distante da linguagem falada pelos homens, o amante da natureza escuta sua sinfonia, sem necessitar que os sons sejam traduzidos pelos sons da cultura. O *continuum* difuso, à espera dos sentidos, permanece vazio de vozes, sem se transformar em linguagem, ou se articular com o universo de significações construídas pelo consórcio dos homens.

Mas se os ouvidos que escutam são ouvidos que aprenderam a ouvir apenas o que escutam, como fazê-los aptos a escutar o inaudível, ou o inesperado? O homem, por ser homem, transformou seu cotidiano, sua realidade, numa outra realidade, podada, aparada, tornada coerente: socializada pelos agentes da cultura. As múltiplas veredas abertas ao animal em estado natural, enquanto caminhos virtuais, foram substituídas por algumas poucas estradas, menos longas e mais largas. En-

fim, o homem, pela sua própria construção, deixou de ser um animal da natureza para ser um animal da cultura. Abandonando o caminho exploratório do vasto mundo objetivo, optou pelo conhecimento do mundo subjetivo, que projeta sua sombra sobre a praça e o lugar da cultura.

A evidência que a cultura é uma construção de natureza subjetiva, ou melhor, intersubjetiva, levou Pessoa a conceber Caeiro como poeta do objetivismo absoluto. Ricardo Reis, depõe sobre o mestre:

“Caeiro, no seu objetivismo total, ou, antes, na sua tendência constante para um objetivismo total, é frequentemente mais grego que os próprios gregos. Duvido que grego algum escrevesse aquela frase culminante de «O Guardador de rebanhos»: *A Natureza é partes sem um todo*, onde o objetivismo vai até a sua conclusão fatal e última, a negação de um Todo, que a experiência dos sentidos não autoriza sem a intromissão, para o caso externa, do pensamento.” (Pessoa, 1976, 111)

Em nota solta, datada provavelmente de 1924, Fernando Pessoa levanta as relações entre o poeta e a cultura, ressaltando a importância do tesouro simbólico socialmente transmissível. Aí ele estabelece a diferença entre os elementos exteriores e interiores, os elaborados pela inteligência individual e pela comunicação humana, englobando-os em três classes: os dados diretos dos sentidos, que são as sensações; os que resultam da transmissão de impressões e sensações alheias, através do convívio social; e os dados provenientes de influências indiretas, impressões colhidas em livros, museus, espetáculos e outros meios.

Essas invenções da cultura, destinadas a permitir ao homem um aprendizado mais intenso, através da experiência socialmente compartilhada, afasta o animal simbólico do experimento pessoal, do contato direto com as coisas, para aproximá-lo da representação da experiência: da sua elaboração simbólica.

As reflexões de Fernando Pessoa parecem apontar para a impossibilidade de construção do edifício visto por Caeiro: “Os dados diretos dos sentidos são, em si mesmos, necessari-

amente limitados, pois cada um de nós só é quem é: não vê senão com os próprios olhos, nem ouve senão com os próprios ouvidos.” (Pessoa, 1976, 266) Conforme podemos ler na mesma anotação sobre o poeta e a cultura: “Não vemos nem ouvimos bem e profundamente senão quando a inteligência, ampliada pelos outros dois fatores ou por qualquer deles, amplia as nossas sensações, com as quais insensivelmente colabora. Vemos e ouvimos melhor – no sentido de mais completa e interessantemente – quanto mais ampla e informada é a inteligência que está por trás do nosso ver e ouvir.” Por isso, ele completa o raciocínio com a constatação atribuída a William Blake segundo a qual um néscio e um sábio não veem a mesma árvore.

Tal perspectiva é inteiramente oposta a de Caeiro, no poema 39 da suíte “O guardador de rebanhos”:

“O mistério das coisas, onde está ele?
 Onde está ele que não aparece
 Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
 Que sabe o rio disso e que sabe a árvore?”

E eu, que não sou mais do que eles, que
[sei disso?

Sempre que olho para as coisas e penso
no que os homens pensam delas,
Rio como um regato que soa fresco numa
[pedra.

Porque o único sentido oculto das coisas
É elas não terem sentido oculto nenhum,
É mais estranho do que todas as estranhezas
E de que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as coisas sejam realmente o que
[parecem ser

E não haja nada que compreender.

Sim, eis o que os meus sentidos
[aprenderam sozinhos:
As coisas não têm significação: têm
[existência.

As coisas são o único sentido oculto das
[coisas.”

(Pessoa, 1972, p. 223)

O aprendizado dos sentidos nesse poeta
rústico e requintado (observe-se o oxímoro)

não é um aprendizado histórico, síntese da experiência transmitida pelas gerações, ao longo do seu processo civilizacional, mas um pasmo primitivo, um nascer consciente para o mundo, conforme o fragmento do verso afirmativo: “os meus sentidos aprenderam sozinhos”. É essa ausência de história, do mundo de Caeiro, e das coisas que o constituem, que retira a significação ou o sentido oculto das mesmas. É como se estivéssemos diante de um corte, de um momento paradisíaco da história da humanidade, anterior à descoberta do sabor do fruto colhido na árvore do conhecimento. Outra não poderia ser a conclusão do poeta: só a inocência e a ignorância são felizes.

Caeiro olha para as coisas, e não para o animal simbólico que as contempla: sua utopia cognitiva consiste em ver o objeto em si, ignorando a relação desse objeto com o sujeito. É verdade que “As coisas não têm significação: têm existência”, mas o mundo dos animais humanos se constrói a partir da significação dessas coisas perante a realidade prática; e não a partir da sua existência pura e sim-

E assim escrevo, querendo sentir
a Natureza, nem sequer como um homem,
Mas como quem sente a Natureza, e mais
[nada.

E assim escrevo, ora bem, ora mal,
Ora acertando com o que quero dizer, ora
[errando,
Caindo aqui, levantando-me acolá,
Mas indo sempre no meu caminho como
[um cego teimoso.

Ainda assim, sou alguém.
Sou o descobridor da Natureza.
Sou o Argonauta das sensações verdadeiras.
Trago ao Universo um novo Universo
Porque trago ao Universo ele próprio.”
(Pessoa, 1972, p. 226)

O projeto de Pessoa para seu mestre – Caeiro – é o de retornar à natureza, para recuperar as direções do olhar, perdidas pela cultura. Retirar dos olhos as lentes gastas, que projetam na retina uma imagem anteriormente refratada. Devolver aos sentidos a percepção imediata, não conduzida pela soma de

outras percepções sintetizadas na experiência simbólica. Romper os vínculos com a cultura, que produz o homem, seu animal, e reatá-los com a natureza, que produziu outras espécies.

Como nossos sentimentos são os sentimentos que a cultura nos reservou, e nossas sensações são aquelas que a experiência histórica da sociedade construiu, antes de nós e independentemente da nossa própria experiência, Caeiro quer sentir a natureza *não como um homem, mas como se sente a natureza*. Ao abdicar dos instrumentos perceptivos usuais da espécie, em favor dos instrumentos afinados pelo artista, percebendo a natureza e o mundo como totalidade, ele reafirma a submissão do homem à cultura e a impossibilidade de se construir fora dela; a não ser através das saídas que ela mesma aponta: os mitos poéticos – a (p) arte.

Se o universo humano é o simbólico, construído pelas representações, figurações e ausências, assim como pelas convenções implícitas, o guardador de rebanhos traz “ao Universo um novo Universo”, porque traz “ao Universo ele próprio”, no seu estádio natural: o universo virgem de intervenções humanas.

Mas, será que ele traz o Universo mesmo? Universo único, ímpar: na sua objetividade total; sem a aposição das categorias subjetivamente constituídas. Ou será que traz, também, como toda criatura, uma nova representação do Universo?

Contrário a Caeiro, Pessoa, o Outro, Ortônimo, propõe: um novo universo é só uma palavra. Assim, o verso volta, voa – e ressoa:

“Não procures nem creias: tudo é oculto.”
(Pessoa, 1972, p. 139)

Negar radicalmente, – até a eliminação – tudo aquilo que interfere no seu pensamento, é uma estratégia de Pessoa para realizar um diálogo com a cultura acadêmica ou a tradição intelectual, em lugar de aceitar o papel de mero continuador.

CAEIRO, POETA IMPOSSÍVEL DE EXISTIR

Fernando Pessoa conseguiu ocultar de muitos dos seus leitores a forte impressão que lhe causou a leitura de Nietzsche, não obstante as afinidades opostas entre sua visão do mundo clássico, e da arte grega, com a perspectiva nietzschiana. Georg Rudolf Lind (1970, p. 111) sublinha que o poeta português deve ao filósofo alemão, dentre outros conceitos, a diferenciação entre a moral do senhor e a moral do escravo, além da polaridade entre o *dionisíaco* e o *apolíneo*.

Apesar do caminho seguido nas linhas a partir daqui traçadas ser divergente do ponto de vista de Lind, quanto a alguns aspectos

importantes, convém citar o estudioso alemão:

“Não é de passar por cima o fato de o ideal grego de Pessoa ter um caráter apolíneo, sendo para ele a essência duma ordem universal exemplar e sã, tal como concebera Winckelmann. Todos os traços dionisíacos, descobertos por Nietzsche na cultura helênica, são propositadamente descartados por Pessoa, para não prejudicar a sua idealização dessa cultura. A Grécia de Pessoa torna-se assim a personificação abstrata de certas regras cuja revificação beneficiará a arte moderna. Donde serem Ricardo Reis e Alberto Caeiro poetas apolíneos: Álvaro de Campos, o dionisíaco de entre os heterônimos, é cuidadosamente apartado por Pessoa do neoclassicismo.” (Lind, 1970, p. 101)

A juventude do poeta foi marcada pela leitura sistemática de obras filosóficas, científicas e literárias que caracterizaram o seu ambicioso programa de estudos como autodidata, especialmente depois que abandonou o curso

superior de Letras, no qual se matriculou em 1906, após sua transferência de Durban para Lisboa.

É por volta de 1912 que Ricardo Reis, com o paganismo e o espírito clássico, se delinea na mente de Pessoa. Caiiro aparece um ano e meio depois, entrando triunfalmente no círculo pessoano com a escritura dita automática de “O guardador de rebanhos”. Completando a operação dialética tipicamente pessoana, não estaria o criador dos heterônimos estruturando, sob o nome de Caiiro, um poeta que pudesse vencer o desafio de se situar para além da classificação nietzscheana?

Nem apolíneo nem dionisíaco: o único poeta da natureza; apenas.

Negar radicalmente, – até a eliminação – tudo aquilo que interfere no seu pensamento, é uma estratégia de Pessoa para realizar um diálogo com a cultura acadêmica ou a tradição intelectual, em lugar de aceitar o papel de mero continuador. Assim, Pessoa nega Nietzsche para afirmar Pessoa, na medida em que afirma Nietzsche como alimento do processo antropofágico.

A angústia da influência, no jargão crítico de Harold Bloom, está explicada numa nota sem data nos cadernos do poeta:

“Com quem se pode comparar Caeiro? Com bem poucos poetas. Não, diga-se desde logo, com aquele Cesário Verde a quem ele se refere como a um antepassado literário, embora uma espécie de antepassado antecipadamente degenerado. Cesário Verde exerceu sobre Caeiro a espécie de influência que pode ser chamada de simplesmente provocadora de inspiração, sem transmitir qualquer *espécie* de inspiração. Um exemplo familiar ao leitor é a *verdadeira influência* de Chateaubriand sobre Hugo, homem totalmente diverso, pessoal, literária e socialmente.” (Pessoa, 1976, p. 127)

Depois de pasteurizar a influência de Cesário, ele arremata na página seguinte:

“Os pouquíssimos poetas com quem Caeiro pode ser comparado, ou por simplesmente fazer ou poder fazer que lem-

bremos deles, ou por se poder conceber que haja sido influenciado por eles, quer pensemos nisto seriamente ou não, são Whitman, Francis Jammes e Teixeira de Pascoaes.”

Mesmo assim, a possível influência destes autores seria sentida por oposição, com exceção, talvez, do primeiro:

“Assemelha-se mais a Whitman. Assemelha-se a Francis Jammes em alguns pontos secundários. Lembra-nos fortemente Pascoaes, porque sendo sua atitude para com a Natureza, essencialmente metafísica, naturalística e pode-se mesmo chamar uma atitude absorta, como é a de Pascoaes, contudo é tudo isso inversamente ao que Pascoaes é do mesmo modo.” (Pessoa, 1976, p. 128)

Antropofagizando Nietzsche, como absorve toda experiência lida e vivida, Pessoa destrói um mundo organizado para erguer os alicerces do seu próprio mundo – fortemente sedimentado pelos materiais recolhidos.

Alberto Caeiro bem pode ser visto como um poeta criado com o objetivo de superar a polaridade nietzscheana, desfazendo a esquemática classificação dos criadores como apolíneos ou dionisíacos. Não esqueçamos que Pessoa esboçava uma teoria de inspiração clássica, segundo a qual a arte residiria essencialmente no equilíbrio. Assim, a consciência apolínea e o arrebatamento dionisíaco só têm existência enquanto elementos estruturais isolados para análise. Quanto maior a emoção, maior terá que ser a razão; quanto penetrante a sensibilidade, mais arguta a inteligência; quanto mais forte o turbilhão destruidor, maior terá que ser o poder de construção – é o que Pessoa repete de forma diversa.

Apolo e Dionísio, na versão classificatória de Nietzsche, servem de pontos cardeais a Pessoa; mas sua caminhada pela floresta do alheamento toma outros rumos e atalhos que dispensam a direção indicada.

“Exigir de sensibilidades como as nossas, sobre que pesam, por herança, tantos séculos de tantas coisas, que sintam e por-

tanto se exprimam com a limpidez, e a inocência de sentidos, de Safo ou de Anacreonte, nem é legítimo, nem razoável.” (Pessoa, 1976, p. 246)

Tal observação de Pessoa dá conta não só do seu processo de refatura da tradição, como também lança luzes sobre a impossibilidade do projeto de um poeta como Caetano fora da concepção heteronímica; concepção esta onde um novo mundo é criado para preservar a inocência de uma nova lógica poética.

Similar processo *fágico*, não mais incidindo sobre um autor mas sobre uma tradição, é o do tratamento impessoal dado à lírica, através do texto e da fragmentação heteronímica. A escritura pessoana representa uma retomada crítica da divisão tripartida entre o lírico, o épico e o dramático, devorando e digerindo a classificação secular. Através do fenômeno da despersonalização, que não é somente seu, mas da modernidade, Pessoa, impondo um traço reconhecivelmente pessoal à despersonalização, nega a característica mais evidente do gênero lírico: a expressão do eu.

Migrando do território da subjetividade, onde se formou, a lírica se afirma como o lugar do outro. É o que Pessoa chama de *dramatização da emoção*, atribuindo ao poeta lírico a despersonalização dramática e a alteridade coletiva do épico: “Por dramatização da emoção entendo o despir a emoção de tudo quanto é acidental e pessoal, tornando-a abstrata – humana.” (Pessoa, 1976, p. 294)

Ao rejeitar o primado da *sinceridade* como ponto de partida da substância lírica, Pessoa insiste no *fingimento* como essência da arte, o que, de certo modo retoma a *imitação* de que fala a *Poética* de Aristóteles. *Sentir na pessoa de outro e escrever dramaticamente* é como o criador dos heterônimos descreve o seu processo poético, sepultando a possibilidade de identificação do gênero lírico com a expressão do eu, e tornando menos exclusiva a relação do épico com a moderna ficção. O texto lírico é realização de um poeta dramático, assim como poesia é pura ficção.

Os conceitos clássicos, que até então davam conta dos traços definidores do lírico, do épico e do dramático, são postos em crise, pe-

rante a quebra de barreiras entre suas diferenças constituintes. A produção de um texto que reclama a interação dos antigos elementos delimitadores, como funções de uma nova unidade estrutural, só poderia apagar a distinção tríplice que serviu de preceito a séculos de tradição. Traços definidores da tripartição clássica passam a ser constituintes da poesia moderna, propondo, desde a teoria dos gêneros – que é reduzida a um valor puramente histórico, situado e datado – uma outra teoria da criação literária.

Do mesmo modo que o poeta Alberto Caeiro é uma figura de ficção, a natureza por ele evocada em refutação ao simbólico é também uma natureza simbólica, ou, mais precisamente, uma *natureza hipostasiada*: uma conjectura filosófica.

A POESIA COMO METALINGUAGEM

A poesia de Alberto Caeiro, apesar de reclamar o objetivismo absoluto, e de questionar com irrespondível inocência o simbólico, numa negação daquilo que constitui seu corpo físico e abstrato, – a linguagem – é ela mesma uma linguagem sobre uma linguagem. O conjunto de poemas deixado por Caeiro, na sua economia imagística, é uma grande figura tentando captar o indizível sentido do universo poético, pela hipóstase dos seus códigos.

O retorno à natureza, através da mais contundente crítica aos fundamentos da cultura, longe de sustentar suas bases sobre o silencioso universo semântico do sistema natural, ex-

plode a mais ruidosa fala da civilização para utilizar seus sons na produção do eco maior que as montanhas e planícies da natureza devolvem aos homens.

Do mesmo modo que o poeta Alberto Caeiro é uma figura de ficção, a natureza por ele evocada em refutação ao simbólico é também uma natureza simbólica, ou, mais precisamente, uma *natureza hipostasiada*: uma conjectura filosófica. Não é em vão que estudiosos da filosofia se acercam da obra de Fernando Pessoa, rica que é em sugestões e questões filosóficas: o próprio poeta admite a presença da filosofia na sua construção poemática, bem como Jacinto do Prado Coelho (1985, p. 26) chega a afirmar que, no texto de Alberto Caeiro, o pensador suplanta o poeta.

Contrariamente, António Pina Coelho (1971, p. 136) observa:

“Mais que filósofo, Pessoa é um possessor de uma problemática filosófica. Deu-nos conta dessa problemática e da impossibilidade *solutória* dela, mas não do processo

condutor a essa conclusão negativista. A sua inteligência era mais intuitiva que discursiva ou matemática, pelo menos no sentido de longa duração. [...] Pessoa, com toda a simplicidade, procurou essa coincidência com o ser, colocando-se com Caeiro numa atitude absolutamente oposta à kantiana e a toda forma de idealismo. [...] Nesta contemplação ontológica e na fenomenologia da vida, Pessoa mostrou-se sintonizado com os movimentos ideológicos que pairavam sobre os espíritos e ganharam expressão nas diversas correntes fenomenologistas e existencialistas. A sua atualidade manifesta-se mais na poesia que na prosa, se fizermos exceção da prosa de ficção, em que há uma maior liberdade de pensamento e, portanto, menos escravidão relativamente às fontes.”

Mas uma das vozes de Pessoa responde: eu não era um filósofo com faculdades poéticas, mas um poeta estimulado pela filosofia.

Pois bem, o “único poeta da natureza” seria um poeta essencialmente da cultura. A

natureza em Caeiro não passaria de uma hipótese, de uma abstração tomada como real, para o desenvolvimento de uma teoria. Quando ele parece fazer poesia sobre a natureza, ele não fala da natureza, mas da cultura: faz uma poética que não é apenas sua, mas de qualquer poeta contemporâneo. “Pertencço a uma geração que ainda está por vir” (Pessoa, 1976, p. 42). A aparente ingenuidade de Caeiro esconde a ambição do poeta português de se apresentar como projeto modelar de todo processo de criação poética. As meditações “inocentes” do guardador de palavras, ao pastar seus rebanhos, traduzem a síntese poética de qualquer tempo. Ou, como disse Bernardo Soares no *Livro do desassossego*: “Um dia talvez compreendam que cumpri, como nenhum outro, o meu dever nato de intérprete de uma parte do nosso século”. (Pessoa, 1982, p. 213)

A encenação de uma volta à natureza, como se vê no texto do heterônimo, não encontra sustentação nos sistemas naturais, mas é um dismantelo das linguagens construídas pela civilização, um questionamento dos seus fundamentos filosóficos e científicos: uma meta-linguagem altamente codificada.

Não esqueçamos que o Mestre Caeiro, ao desmontar as linguagens da cultura, toma por base o conhecimento e a superação destas mesmas linguagens. Assim, ele não está situado no plano aquém da linguagem, mas além dela, isto é, no plano da metalinguagem. Caeiro empreende a crítica da cultura e dos seus sistemas, tecendo a sua obra de uma substância essencialmente simbólica. A sua poesia é uma linguagem cujo plano do conteúdo é formado por uma outra linguagem.

Há muito, Jacinto do Prado Coelho (1985, p. 27) sublinhou este aspecto singular que a crítica posterior, encantada com a convincente encenação do papel de mestre Zen, preferiu deixar de lado:

“Por isso, apesar de Caeiro, ao falar de si próprio, e Campos, ao evocar o mestre, quererem convencer-nos de que o pensamento de Caeiro é o pensamento ingênuo de um poeta, o fruto verde de uma experiência instintiva, a poesia deste nos deixa uma impressão totalmente contrária. Medularmente, Caeiro é um abstrator paradoxal-

mente inimigo de abstrações; daí a segura, a pobreza lexical do seu estilo.”

E conclui no mesmo trecho:

“Em regra, ouvimo-lo argumentando, criticando, não transmitindo sensações mas discorrendo sobre sensações. [...] Caeiro é sobretudo inteligência. Filósofa contra a filosofia. «Com filosofia – diz ele – não há árvores: há ideias apenas». Aqui o feitiço volta-se contra o feiticeiro: lendo Caeiro não vemos árvores, ouvimos expor uma doutrina, estamos no domínio do axioma, do silogismo, do geral”.

Ao endossar as palavras do mestre Caeiro, convém insistir num ponto essencial deste ensaio, que pretende se constituir numa sistematização da teoria do texto poético revelada por Fernando Pessoa: *o pensamento ingênuo de um poeta*, conforme a expressão usada por Jacinto do Prado Coelho, nada tem a ver com o pensamento que assegura existência à obra de arte literária. A obra pessoana demonstra,

de modo inequívoco, que a ingenuidade é atributo ficcional, característica do sujeito do enunciado, e nunca do sujeito da enunciação. Embora seja fruto de uma experiência instintiva, a poesia, para que seja poesia, isto é, para que atravesse a barreira da individualidade e se inscreva como manifestação da sensibilidade coletiva vicariamente expressa, precisa de um compromisso maior com a cultura: a reflexão madura, capaz de apreender a luminosa e difusa revelação.

Pessoa evidencia que o pensamento do poeta nada tem de ingênuo, salvo talvez a grande exceção em que se constituiu o romantismo. O poeta romântico, ou a concepção romântica do poeta, é que poderia admitir o pensamento ingênuo como atributo da expressão lírica, mas a modernidade apagou esta concepção diletante e irresponsável da poesia, resgatando o papel de artífice da realidade, ou o compromisso da arte com a verdade, através da razão, como queriam os clássicos e os homens do renascimento.

A ficcionalização de um mestre sem formação escolar, na figura de um ingênuo homem

do campo com seus saberes primitivos, é destinada a reforçar a inaceitável existência de um pensador niilista, para alguns, ou distante dos rótulos e das classificações, para outros. É assim que a poesia pessoana constrói a figura de um pensador requintado e contestador, encarnada em um poeta campestre.

Através das notas biográficas sobre o mestre, redigidas pelos discípulos, sabe-se que ele só estudou até os primeiros anos da infância, como qualquer menino do campo, criando assim a aura de uma figura iluminada, como os profetas e anacoretas búdicos.

Mas de onde Fernando Pessoa tirou o nome Caeiro? Dos rudes fabricantes de cal? Anteposto ao selvagem sobrenome *da Silva*, assegura uma origem silvestre e mais ou menos comum à gente simples das aldeias. Com isso, o cenário está montado para o protagonista desempenhar seu papel sob as luzes da ribalta fernandina.

Não percamos de vista o fato de a modernidade pessoana ser resultante da uma concepção personalizada do mundo clássico, ou do modo que Pessoa reescreve o classicismo,

tanto nas obras de Ricardo Reis, quanto de Caeiro, projetando seus ecos na escrita modernista do engenheiro Álvaro de Campos ou, mesmo, nos densos poemas do simbolista ortônimo.

Segundo o criador dos heterônimos, Caeiro realiza a reconstrução integral do paganismo, na sua essência absoluta, tal como nem os gregos, que viveram nele, e por isso não o pensaram, puderam fazer. Ora, se Caeiro pôde reconstruir o paganismo sem viver nele é porque pensou fundamente este sistema, chegando à sua essência. Mas como Caeiro não pensa, apenas vê, Caeiro não poderia ter escrito os seus poemas, e, em síntese, ele também, tal como o conhecemos, não poderia ter existido.

Alberto Caeiro é um poeta que só pode ter existência como heterônimo. Para manter a sua inocência de homem da natureza, ele precisa habitar, como vampiro, o corpo de um outro poeta, um poeta fundamente mergulhado na cultura. Para Caeiro negar o simbólico, ele precisa se nutrir da experiência do simbolista Fernando Pessoa.

Por outro lado, para quem se deixa seduzir pela prática Zen, próxima do Mestre Caeiro, convém lembrar que o guardador de rebanhos viveu como um iluminado. É como se ele conseguisse alcançar o nirvana sem ter que silenciar, como se escutasse a Voz do Silêncio enquanto falava. Buda chegou à iluminação, ao nirvana, quando, sem ter que morrer, se extinguiu, contemplando a figueira, e sem dizer palavra. Caeiro continua falando do seu próprio silêncio:

“Um dia deu-me o sono como a qualquer
[criança.

Fechei os olhos e dormi.

Além disso, fui o único poeta

[da Natureza.”

(Pessoa, 1972, p. 237)

Como ultrapassar o mundo civil, cotidiano, o triste sentimento de um ocidental? – em suma, como descobrir o quanto vazio é o mundo das palavras, depois de ir além dele, e continuar nele, falando?

Se a existência de Caeiro só é possível como heterônimo, isto é, como o outro que mani-

festa uma experiência impessoal, a paz do Mestre só é possível à custa da angústia e do tormento de alguém que não logrou ser seu discípulo: um soturno senhor de óculos e de bigode, em cujo documento de identidade estava escrito um codinome civil: Fernando Antônio Nogueira Pessoa.

Mas Caeiro existe e sua obra está aí. Sua existência não é paradoxal nem impossível. Porque a grande iluminação que ele anuncia é a da poesia. A fuga do mundo das palavras que ele propõe é o das palavras vazias, gastas, não iluminadas pela transgressão da arte. O olhar inaugural que ele ensina é aquele que vê além do que a alma vestida consegue ver. Caeiro desnuda a alma, apaga dos olhos as imagens gravadas para que puros, livres, os olham vejam o que o pensamento conduzido pelas palavras habituais não consegue entender.

O poeta nos ensina: as coisas estão aí, na sua plenitude de coisas. E nós só vemos aquilo que nos ensinaram a ver. Não vemos as coisas em si, mas a nossa própria visão tomada como coisa. O seu objetivismo nos convida a ver além de nós, do individual, do pessoal: ver o outro,

o mundo. Enfim, Caeiro quando fala, nos fala da poesia.

Esta é a sua Natureza; a natureza desautomatizada, desembrulhada das representações da cultura. A natureza apreendida de forma menos convencional, menos cristalizada pelas circunstâncias e limitações da história do homem. A natureza selvagem, restituída à sua objetividade, sem a imposição das categorias perceptivas que suavizam as arestas e reduzem o alcance do olhar ao ponto habitualmente mirado. A natureza onde as raízes, mesmo escondidas na terra, crescem fortes e expõem seus frutos. A natureza apreendida pela poesia – com o fito de ampliar o espaço de convenção, o espaço da cultura.

Por isso, a certeza, configurada em paz, não expressa somente a placidez do Mestre Caeiro, mas a convicta genialidade de Pessoa, o Outro, ortônimo ou anônimo. O poeta que, para o desapontamento dos amigos, morreu quase inédito, desconhecido do mundo, do pequeno Portugal ou mesmo da Lisboa provinciana no alvorecer do século que viu os frutos da modernidade.

Por isso, a certeza, a plácida certeza, mandada como uma mensagem na garrafa jogada ao mar, para ser recolhida nas praias do amanhã:

“Se eu morrer novo,
Sem poder publicar livro nenhum,
Sem ver a cara que têm os meus versos
[em letra impressa,
Peço que, se se quiserem ralar por minha
[causa,
Que não se ralem.
Se assim aconteceu, assim está certo.

Mesmo que os meus versos nunca sejam
[impressos,
Eles lá terão a sua beleza, se forem belos.
Mas eles não podem ser belos e ficar por
[imprimir,
Porque as raízes podem estar debaixo da
[terra
Mas as flores florescem ao ar livre e à vista.
Tem que ser assim por força.
Nada o pode impedir.”

(Pessoa, 1972, p. 235)

Como efetivamente aconteceu. Mais de um século depois do nascimento do obscuro menino-órfão, sua vida reluz como estrela que se avista para além do outro oceano. Tão luminosa, que o mais brilhante pensador da modernidade portuguesa escreveu com emoção:

“Não menos mágica é, para nós, a aventura daquele que era, por fora, e para os outros, Fernando Pessoa, e que por dentro não tinha nome próprio, como todos nós. Só que ele o sabia e nós menos do que ele. Como Ulysses, sem para si existir nos bastou. Por não ter sido foi vindo e nos criou, tais que já não podemos contemplar o céu da nossa cultura sem o ver a ele no centro, convertido em «mito brilhante e mudo», irradiando a sua luz enigmática. Há cinquenta anos essa mesma luz era invisível ou obscura. Hoje é mais que visível e, aparentemente, clara. Se há enigma é o da sua universal claridade. Por detrás dela não é difícil descortinar o sorriso de Pessoa, gozando a sós, como escreveu, «a ironia de o não estranharem».” (Lourenço, 1986, p. 10)

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

Incluem-se neste item as referências às obras citadas e a bibliografia consultada nos nove livros da série.

ABREU, Maria Fernanda

1988 Fernando Pessoa nos países americanos de língua castelhana: Argentina e México. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Belo Horizonte, vol. XXII, nº 1110, 19 nov. 88, p. 8-11.

ADORNO, Theodor W.

1973 *Notas de literatura* [Noten zur Literatur III]; trad. Celeste Aída Galeão & Idalina Azevedo da Silva. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.

AGOSTINHO, Santo

397 *Confissões* [Confessionum], trad. J. Oliveira Santos & Ambrósio de Pina. In *Confissões e De magistro*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1980.

1980 *Do mestre* [De magistro], trad. Angelo Ricci. In: *Confissões e De magistro*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 291-324.

ANDRADE, Carlos Drummond de

1980 *A paixão medida*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 1914.

- ANDRADE, Mário de
1972 *O empalhador de passarinho*. 3ª ed., São Paulo, Martins/INL, 1972.
- ARBAIZAR, Philippe (org.)
1985 *Fernando Pessoa / Poète pluriel*. Paris, Centre George Pompidou, La Différence, [1985].
- ARISTÓTELES
1966 *Poética*, trad., prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Souza. Porto Alegre. Globo, 1966.
1969 *Metafísica*; trad. Leonel Vellandro. Porto Alegre, Globo, 1969.
- AUERBACH, Erich
1972 *Introdução aos estudos literários* [Introction aux etudes de philologie romane]; trad. José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A.
1989 Sobre as odes de Ricardo Reis. *Quinto Império; Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Salvador, Gabinete Português de leitura / Associação de Estudos Portugueses Hélio Simões, nº 2, 1989, p. 57-65.
- BACHELARD, Gaston
1970 *A poética do espaço* [La pétique de l'espace]; trad. Antonio Leal & Lília Leal. Rio de Janeiro, Eldorado, 1970.
- BACON, Francis
1620 *Novum organum - ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza* [Pars secunda operis quae dicitur novum organum sive indicia vera de interpretatione naturae], trad. e notas de J. A. R de Andrade. São Paulo, Abril Cultural 1979.
- BAKHTIN, Mikhail
1970 *La poétique de Dostoievski*. Paris. Seuil, 1970.
1979 *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [Marksizm i filosofija jazyka]; trad. (da ed. france-

- sa) Michel Lahud et alii; prefácio de Roman Jakobson. São Paulo, Hucitec, 1979.
- BARTHES, Roland
- 1977 *Aula* (Aula inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França) [Leçon], trad. e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, Cultrix, s.d.
- 1966 *Crítica e verdade* [Critique et vérité], trad. Leyla Perrone-Moisés (contendo dezoito Ensaios Críticos e Crítica e verdade). São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1964 *Elementos de semiologia* [Éléments de semiologie]; trad. Izidoro Blikstein. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972.
- 1957 *Mitologias* [Mythologies]; trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo, Difel, 1972.
- 1953 *Novos ensaios críticos – seguidos de O grau zero da escritura* [Le degré zéro de l'écriture suivi de Nouveaux essais critiques]; trad. Heloysa Dantas et alii. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- 1973 *O prazer do texto* [Le plaisir du texte]; trad. Mª Margarida Barahona. Lisboa, Edições 70, 1973.
- BARTHES, Roland et alii
- 1972 *Literatura e semiologia* [Seleção de ensaios da revista Communications]; trad. Célia Neves Dourado. Petrópolis, Vozes, 1972.
- 1976 *Masculino, feminino, neutro; ensaios de semiótica narrativa*; organização e tradução de Tania Carvalhal et alii. Porto Alegre, Globo, 1976.
- BAUDELAIRE, Charles.
- 1857 *Les fleurs du mal et autres poèmes*. Paris, Garnier Flammarion, 1964.
- BENVENISTE, Émile
- 1976 *Problemas de linguística geral* [Problèmes de linguistique générale]; trad. Mª da Glória Novak & Luiza Neri. São Paulo, Nacional / EDUSP, 1976.
- BLANCO, José

- 1983 *Fernando Pessoa. Esboço de uma bibliografia*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Porto, Centro de estudos pessoanos, 1983.
- BLIKSTEIN, Izidoro
1983 *Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade*. São Paulo, Cultrix, 1983.
- BOSI, Alfredo
1974 *História concisa da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- 1983 *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, Cultrix, 1983.
- BOURGOIS, Christian
1987 O caso Pessoa. *Jornal de letras, artes e idéias*. Ano VII, nº 248. Lisboa, 06 abr. 87, p. 12.
- BRANCO, Lúcia Castelo
1986 Chama-me Íbis e não te direi quem sou. Anotações sobre as cartas de amor de Fernando Pessoa. *Minas Gerais Suplemento Literário*. Nº 1.014. Belo Horizonte, 08 mar. 86, p. 4-5.
- BREUER, Joseph & FREUD, Sigmund
1893-1895 *Estudos sobre a histeria* [Studies in hysteria / Studien uber Hysterie]; trad. Christiano Oiticica. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. II. Rio de Janeiro, 1974.
- BRITO, Mª de Fátima Ribeiro Souza
1988 *A intertextualidade na obra de José Saramago*. Comunicação ao XII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. São Paulo, USP, 26-29 abr. 88.
- BULFINCH, Thomas
1965 *O livro de ouro da mitologia. A idade da fábula* [The Age of Fable], trad. David Jardim Jr. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1965.
- CÂMARA, J. M. Bettencourt da
1988 Obras de Lopes Graça sobre poemas de Fernando Pes-

- soa. *Letras & Artes*. Porto, nº 11, 1º nov. 88, p. 12-13.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso
 1970 Roman Jakobson e a linguística, in: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1973 O estruturalismo linguístico. *Revista Tempo Brasileiro: estruturalismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, nº 15/16, 1973, p. 5-43.
- 1973b *Princípios de linguística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1973.
- 1974 *Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa*. Rio de Janeiro, J, Ozon, 1974.
- CAMPOS, Augusto de
 1970 *Re-visão de Kilkerry*. São Paulo, Fundo Estadual de Cultura, 1970.
- CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de
 1975 *Teoria da poesia concreta; Textos críticos e manifestos, 1959-1969*. 2ª ed. São Paulo, Duas Cidades, 1975.
- CAMPOS, Haroldo de
 1970 *Metalinguagem; ensaios de teoria e crítica literária*. Petrópolis, Vozes, 1970.
- 1970b O poeta da linguística, in JAKOBSON: *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1972 *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- 1973 *Morfologia do Macunaíma*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- CÂNDIDO, Antônio
 1976 *Literatura e sociedade; estudos de teoria e história literária*. 5ª ed. revista. São Paulo, Nacional, 1976.
- CASSIRER, Ernst
 1969 Le langage et la construction du monde des objets, in:

- CASSIRER et alii. *Essais sur le langage*. Paris, Minuit, 1969, p. 37-68.
- 1972 *La philosophie des formes symboliques*. Vol. I: *Le langage* [Philosophie der symbolischen Formem] traduit de l'allemand par Ole Hansen-Love et Jean Lacoste. Paris, Minuit, 1972.
- 1972b *La philosophie des formes symboliques*. Vol. II: *La pensée mytique* [Philosophie der Symbolischen Formen], traduit de l'allemand par Jean Lacoste. Paris, Minuit, 1972.
- 1972c *Linguagem e mito* [Sprache und Mythos: Ein Beitrag zum Problem der Goetternamen]; trad. J. Guinsburg & Miriam Schnaiderman. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- 1977 *Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem* [An essay on man]; trad. Vicente Queiroz. 2ª ed. São Paulo, Mestre Jou, 1977.
- CENTENO, Y. K.
1985 *Fernando Pessoa. O amor, a morte, a iniciação*. Lisboa, A Regrado Jogo, 1985.
- CHAUÍ, Marilena
1984 *O que é ideologia*. São Paulo, Abril Cultural/ Brasiliense, 1984.
- CHKLOVSKY, Vítor
1971 A arte como procedimento, in: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura; formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro, Mª Aparecida Pereira, Regina Zilberman e Antônio Holfeldt. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 39-56.
- CHOMSKY, Noam
1972 *Linguagem e pensamento* [Language and mind], trad. Francisco M. Guimarães. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1973.
1972b *Linguística cartesiana: Um capítulo da história do pensamento racionalista* [Cartesian linguistics: a chapter in the history of rationalist thought]; trad. Francisco

- M. Guimarães. Petrópolis, Vozes / Universidade de São Paulo, 1972.
- 1975 *Aspectos da teoria da sintaxe* [Aspects of the theory of syntax], trad. introdução, notas e apêndices de José Antonio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra, Arménio Amado, 1975.
- COELHO, António Pina
1971 *Os fundamentos filosóficos da obra de Fernando Pessoa*. Vol. II. Lisboa, Verbo, 1971.
- COELHO, Jacinto do Prado
1983 *Camões e Pessoa, poetas da utopia*. Mem Martins, Europa-América [1983].
- 1985 *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. 8ª ed. Lisboa, Verbo, 1985.
- COELHO, Nelly Novaes
1973 *Escritores portugueses*. São Paulo, Quiron, 1973.
- 1980 *Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão linguística*. 3ª ed. São Paulo, Quiron, 1980.
- 1982 *A literatura infantil: história, teoria, análise*. 2ª ed. São Paulo, Quiron, 1982.
- 1983 Fernando Pessoa, a dialética do ser-em-poesia, in: PESSOA. *Obra poética*; 8ª ed.. org. e notas de Mª Eliete Galhoz, introd. de Nelly Novaes Coelho. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, p. XIII-XLIII.
- 1985 O livro do desassossego. “Grau zero” da heteronímia fernandina? *Encontro*; Revista de cultura do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco. Recife, nº 5, 1985, p. 95-102.
- 1989 Vibrações ou convergências pessoais na poesia brasileira contemporânea. *Minas Gerais Suplemento literário*, nº 1.129. Belo Horizonte, 2 set., 1989, p. 2-3.
- COMTE, Auguste
1978 Linguagem. In: *Auguste Comte: sociologia*; org. e trad. Evaristo de Moraes Filho. São Paulo, Ática, 1978, p. 134-133.

- CONDILLAC, Étienne Bonnot de
 1979 *Lógica ou Os primeiros desenvolvimentos da arte de pensar* [Logique]; trad. Nelson Aguiar. In Condillac et alii: *Textos escolhidos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 71-134.
- CORBISIER, Roland
 1974 *Enciclopédia filosófica*. Petrópolis, Vozes, 1974.
- CORTÁZAR, Julio
 1074 *Valise de cronópio*; trad. Davi Arrigucci Jr. & João Alexandre Barbosa, org. Haroldo de Campos & Arrigucci Jr. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- COSERIU, Eugenio
 1952 *Sistema, norma y habla*. Montevideo, Universidad de la Republica, Facultad de Humanidades y Ciencias, 1952 (Utilizamos para as citações a edição espanhola, onde o livro integra o volume *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. 3ª ed., revisada e corregida, Madrid, Gredos, 1973, p. 11-113).
- 1954 *Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje*. Montevideo, Universidad de la Republica, facultad de Humanidades y Ciências, 1954 (Utilizamos para as citações a edição espanhola, onde o livro integra o volume *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. 3ª ed. revisada y corregida, Madrid, Gredos, 1973, p. 115-234).
- 1958 *Sincronía, diacronía e história: el problema del cambio lingüístico*. Montevideo, Universidad de la republica, Facultad de Humanidades y Ciencias, 1958.
- COUTINHO, Carlos Nelson
 1972 *O estruturalismo e a miséria da razão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
- CROCE, Benedetto
 1067 *A poesia*. Introdução à crítica e história da poesia e da literatura [La poesia. Introduzione alla critica e storia della poesia e della letteratura]; trad. Flávio Loureiro

- Chaves. Porto Alegre, Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1967.
- CURTIUS, Ernest Robert
 1979 *Literatura européia e idade média latina* [Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter]; trad. Teodoro Cabral, com colaboração de Paulo Rónai. Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979.
- CURY, Jorge
 1986 Do ultimatum de 1890 ao ultimatum de 1917; da intertextualidade pessoana. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1986, p. 97-103.
- DAL FARRA, Maria Lúcia
 1968 Para uma “biografia” de um monárquico sem rei: Ricardo Reis. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1968, p. 77-87.
- DEGÉRANDO, Marie-Joseph
 1979 *Dos signos e da arte de pensar considerados em mútuas relações* [Des signes et de l’art de penser considérés dans leurs rapports mutuels], trad. Franklin Leopoldo e Silva e Victor Knoll. In CONDILLAC, HELTETIUS E DEGÉRANDO: *Textos Escolhidos*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 323-430.
- DEMÓCRITO (de Abdera)
 1978 Fragmentos; trad. Paulo F. Flor. In: OS PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragmentos, doxigrafia e comentários*. Seleção de José Cavalcante de Souza. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 309-360.
- DIAS, Mª Heloisa Martins
 1984 *Fernando Pessoa: Um “interlúdio” intertextual*. Rio de Janeiro, Achiamé, Fundação Cultural Brasil-Portugal, 1984.
- DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan
 1974 *Diccionario enciclopédico de las ciencias del lenguaje*

- [Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage]; trad. Enrique Pezzoni. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1974.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos
 1980 *A paixão medida*. 2ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.
- 1984 Amor e seu tempo. *Jornal de cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, 6 jan. 84, p. 1.
- 1988 As identidades do poeta [Poema sobre Fernando Pessoa]. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XXII, nº 1.110, Belo Horizonte, 19 nov. 1988, p. 2.
- DUARTE, Lélia Parreira
 1988 Fernando, rei da nossa Baviera, de Eduardo Lourenço: um jogo no limite do silêncio. *Letras & Artes*, nº 11, Porto, 1º nov. 88, p. 11-12.
- ECO, Umberto
 1962 *Obra aberta. Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas* [Opera aberta]; trad. Pérola de Carvalho. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- 1964 *Apocalípticos e integrados* [Apocalottici e integrati]; trad. Rodolfo Ilari e Carlos Vogt. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, s.d.
- 1968 *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica* [La struttura assente]; trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, Universidade de São Paulo, 1971.
- 1971 *As formas do conteúdo* [Le forme del contenuto]; trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, Universidade de São paulo, 1974.
- 1973 *O signo* [Segno]; trad. Mª de Fátima Marinho. Lisboa, Presença, 1977.
- 1975 *Tratado geral de semiótica* [Trattato di semiotica generale]; trad. Antonio de Pádua Danesi e Valéria O. de Souza. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- 1977 *Como se faz uma tese* [Como se fa una tesi di laurea];

- trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo Perspectiva, 1983.
- 1984 *Conceito de Texto* [O livro é a transcrição das aulas proferidas pelo autor na Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, no segundo semestre de 1979]; trad. Carla de Queiroz. São Paulo, T. A. Queiroz, Universidade de São Paulo, 1984.
- ELIOT, T. S.
- 1972 *A essência da poesia* [One poet and one poetry]; trad. M^a Luiza Nogueira. Rio de Janeiro, 1972.
- EIKHENBAUM, Boris
- 1971 A teoria do “método formal”. In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro, M^a Aparecida Pereira, Regina Zilberman e Antônio Hohlfeldt. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 3-38.
- FEBVRE, Lucien
- 1978 A aparelhagem mental (1. Palavras que faltam). In: *História*; org. Carlos Guilherme Mota, trad. A. Marson et alii. São Paulo, Ática, 1978, p. 55-58.
- FERREIRA, Vergílio
- 1969 *Mudança*; romance. 3^a ed. Lisboa, Portugalíia, 1969.
- FOUCAULT, Michel
- 1971 *A arqueologia do saber* [L'archéologie du savoir]; trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis, Vozes, 1971.
- FREUD, Sigmund
- 1891 Palavras e coisas (Fragmento da monografia sobre afasia. Apêndice a O inconsciente). *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- 1893 Alguns pontos para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 1893-1895 *Estudos sobre a histeria*. Cf. BREUER & FREUD.
- 1895 *Projeto para uma psicologia científica* [Entwurf einer

- Psychologie / Project for a scientific psychology]; trad. José Luis Meurer. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977, p. 379-517.
- 1896 Carta 46. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 1897 Carta 79. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 1899 *A interpretação de sonhos*. [Die Traumdeutung]; trad. Walderedo Ismael de Oliveira. *Edição Standard Brasileira*, Vols. IV e V. Rio de Janeiro, Imago, 1972.
- 1905 *Os chistes e sua relação com o inconsciente* [Der Witz und seine Beziehung zum unbewussten]; trad. Margarida Salomão. *Edição Standard Brasileira*, Vol. VIII. Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- 1906 *Delírios e sonhos na «Gradiva» de Jansen* [Der Wahn und die traume in W. Jansens «Gradiva»]; trad. M^a Aparecida Rego. *Edição Standard Brasileira*, Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-100.
- 1908 *Escritores criativos e devaneio* [Der Dichter und das Phantasiaren / The relation of the poet to daydreaming]; trad. M^a Aparecida Rego. *Edição Standard Brasileira*, Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 143-158.
- 1911 *A significação das sequências de vogais* [Die Bedeutung der Vokalfolge] ; trad. José Octávio Abreu. *Edição standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, s.d.
- 1911-1913 *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* [Formulierung über die zwei Prinzipien des Psychischen Geschehens / Formulations regarding the two principles in mental functioning]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII.

- Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 271-286.
- 1912 Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise [A note on the unconscious in psycho-analysis], trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, s.d., p. 321-334.
- 1912-1915 O ego e o id [Das Ich und das Es / The Ego and the Id]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, (1976), p. 11-83.
- 1913 O tema dos três escrínios [Das Motiv der Kastchenwahl / The theme of the three caskets]; trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, s.d., p. 363-379.
- 1915 O inconsciente [The unconscious / Das Unbewusste]; trad. Tamira Brito et alii. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 183-245.
- 1915-1917 Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos [Metapsychological supplement to the theory of dream]; trad. Themira Brito et alii. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, 247-267.
- 1920 *Além do princípio do prazer* [Jenseits des Lustprinzips]; trad. Cristiano Monteiro Oiticica. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XVIII. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-179.
- 1924-1915 Uma nota sobre o ‘bloco mágico’ [Notiz uber den ‘Wunderblock’ / A note upon the ‘Mystic writingpad’]; trad. J. Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 281-190.
- 1925 A negativa [Die Verneinung / Negation]; trad. J. Octávio de Aguiar Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 291-300.
- 1925-1926 Um estudo autobiográfico [Selbstdarstellung / An

- autobiographical study]; trad. Cristiano Monteiro Oiticica. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-92.
- 1926-1929 O futuro de uma ilusão [Die Zukunft einer Illusion / The future of an ilusion]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXI. Rio de Janeiro, (1976), p. 11-71.
- 1930-1936 *O mal-estar na civilização* [Das unbehagen in der Kultur / Civilization and its discontents]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXI. Rio de Janeiro, (1976), p. 73-171.
- 1939 Moisés e o monoteísmo [Moses and monotheism], trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975, p. 11-161.
- 1940 Esboço de psicanálise [An outline of psycho analyses]; trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975 p. 163-237.
- FROMM, Erich
- 1980 *A linguagem esquecida*. Uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos [The forgotten language. An introduction to the Understanding of dreams, fairy tales and myths]; trad. Octavio Alves Velho. 7ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- GABBI JR., Osmyr Faria
- 1968 A crise conceitual da psicanálise (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP. *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanálise], nº 499, São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 68, p. 4-6.
- GALHOZ, Mª Aliete
- 1972 Fernando Pessoa, encontro de poesia. In: PESSOA. *Obra poética*; org., introdução e notas de Mª A. G., 4ª ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972. p. 15-60.
- GOMES, Manuel João

- 1986 Um Fausto em fragmentos. *Jornal de Letras, Artes & Idéias*, Ano VI, n° 199, Lisboa, 28 abr. 86, p. 19.
- 1986b Um pacto com Satanás. *Jornal de Letras, Artes & Idéias*, Ano V, n° 187, Lisboa, 4-10 fev. 86, p. 5.
- GOTLIB, Nádia Battella (Org.)
- 1988 *Porque tudo é a vida*. Número especial, sobre Fernando Pessoa, do *Minas Gerais Suplemento Literário*. Belo Horizonte, Ano XXII, n° 1.110, 19 nov. 1988.
- GRAMSCI, Antonio
- 1978 *Concepção dialética da história* [Il materialismo storico e la filosofia de Benedetto Croce]; trad. Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- GREIMAS, Algirdas Julien
- 1975 *Sobre o sentido. Ensaios semióticos* [Du sens. Essais sémiotiques]; trad. Ana Cristina Cezar et alii. Petrópolis, Vozes, 1975.
- GREIMAS et alii
- 1975 *Ensaios de semiótica poética*; organização de A. J. Greimas [Essais de sémiotique poétique]; trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1975.
- GUERREIRO, Mário
- 1977 Signo sonoro & signo musical: um esboço de psicologia fenomenológica. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, Vol. I, n° 2, 1977, p. 45-57.
- GUIMARÃES ROSA, João
- 1970 *Ave, palavra*; nota introdutória de Paulo Rónai. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970, 276 p.
- 1971 Literatura deve ser vida – um diálogo de Gunter Lorenz com João Guimarães Rosa. In: *Exposição do novo livro alemão no Brasil / Deutsche Buchausstellung in Brasilien*. Frankfurt am Main, 1971, p. 267-312.

- GUIMARÃES, Ruth
1972 *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo, Cultrix, 1972.
- HAYES, Curtis W.
1972 Linguística e literatura: prosa e poesia. In: HILL. *Aspectos da linguística moderna*, São Paulo, Cultrix, 1972, p. 176-191.
- HEIDEGGER, Martin
1979 *Conferências e escritos filosóficos*; tradução, introdução e notas de Ernildo Stein. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- HERÁCLITO de Éfeso
1978 Fragmentos; trad. J. Cavalcante de Souza. In: OS PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragmentos, doxografia e comentários*; seleção de José Cavalcante de Souza. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 73-136.
- HILL, Archibald A. (Org.)
1972 *Aspectos da linguística moderna* [Linguistics]; trad. Aldair Palácio, M^a Azevedo e M^a Celani. São Paulo, Cultrix, 1972.
- HJELMSLEV, Louis
1971 *El lenguaje* [Sproget]; trad. M^a Victória Catalina. Madrid, Gredos, 1971.
1971b La forme du contenu du langage comme facteur social. In HJELMSLEV: *Essais linguistiques* (Choix des articles par l'auteur). Paris, Minuit, 1971, p. 97-104.
- 1975 *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* [Omkring sprogteoriens grundloeggelse]; trad., segundo o texto inglês, J. T. C. Netto. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- 1976 *Sistema linguístico y cambio linguístico*; versión española de B. Pallares Arias. Madrid, Gredos, 1976.
- 1976b *Princípios de gramática general* [Principes de grammaire générale]; versión española de Félix Piñero Torre. Madrid, Gredos, 1976.

- HOBBS, Thomas
 1640 *A natureza humana* [The elements of law, natural and politic]; trad. introdução e notas de João Aloísio Lopes. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1983.
- 1651 *Leviatã*; ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil; trad. João P. Monteiro & M. B. Nizza Silva. São Paulo, Abril, 1979.
- JACQUART, Emmanuel
 1975 Ionesco: ideologia como linguagem (entrevista com Eugéne Ionesco). *Jornal de Cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, n° 21, 02 fev. 75, p. 7.
- JAKOBSON, Roman
 1960 *Linguística e poética*. In JAKOBSON. *Linguística e comunicação*; organização de Izidoro Blikstein, trad. I. Blikstein & José Paulo Paes (com base nos textos em inglês enviados pelo autor). 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1969.
- 1969 *Linguística e comunicação*; organização de Izidoro Blikstein, trad. I. Blikstein & José Paulo Paes (com base nos textos em inglês enviados pelo autor). 2ª ed. São paulo, Cultrix, 1969.
- 1970 *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil; org. Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman, trad. Francisco Achcar et alii. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1971 Do realismo artístico. In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; organização, apresentação e apêndice de Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 119-127.
- 1974 *Relação entre a ciência da linguagem e as outras ciências* [Lisguistics in relatin to other sciences]; trad. Mª Fernanda Nascimento. Lisboa, Bertrand, 1974.
- 1974b O que fazem os poetas com as palavras (Conferência

- proferida em Portugal). *Jornal de Cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, nº 14, 14 jun. 74, p. 8.
- 1976 *Six leçons sur le son et le sens*. Preface de Claude Lévi-Strauss. Paris, Minuit, 1976.
- JAKOBSON, Roman & Krystina Pomorska
 1985 *Diálogos* [Dialogues / Biessiédi]; trad. do texto francês por Elisa Kossovitch, cotejo com o original russo, alterações e traduções de trechos ausentes na versão francesa por Boris Schnaiderman & Léon Kossovitch. São Paulo, Cultrix, 1985.
- JAKOBSON, Roman & STEGANO PICHIO, Luciana
 1970 Os orímoros dialéticos de Fernando Pessoa. In: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970, p. 93-118.
- JAKOBSON, Roman & TYNIANOV, Júri
 1971 Os problemas dos estudos literários e linguísticos. In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; organização, apresentação e apêndice de Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 95-98.
- JAUSS, Hans Robert et alii
 1979 *A literatura e o leitor. Textos de estética da recepção*; seleção e trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1979.
- JUNG, Carl Gustav
 1974 *Tipos psicológicos* [Psychologische Typen]; trad. e apresentação de Álvaro Cabral. 2ª ed., Rio Zahar, 1974.
 1979 *O eu e o inconsciente* [Zwei Schiften uber Analytische Psychologie. Die Beziehungen zwischen den Ich und dem Unbewussten]; trad. Dora Ferreira da Silva, Petrópolis, Vozes, 1979.
 1980 *Psicologia do inconsciente* [Zwei Schift en uber Analytische Psychologie. Uber die Psychologie des Unbewussten]; trad. Mª Luiza Appy. Petrópolis, Vozes, 1980.

- KAYSER, Wolfgang
 1970 *Análise e interpretação da obra literária*. Introdução à ciência da literatura. Trad. Paulo Quintela. 2 volumes. 5ª ed. Coimbra, Armênio Amado, 1970.
- KRISTEVA, Júlia
 1974 *História da linguagem* [Le langage, cet inconnu]; trad. Mª Margarida Barahona. Lisboa, Edições 70, 1974.
 1974b *Introdução à semanálise* [Recherches pour une sémanalyse]; trad. Lúcia Ferraz. São paulo, Perspectiva, 1974.
 1976 Ideologia do discurso sobre a literatura. In: Barthes. *Masculino, feminino, neutro: ensaios de semiótica narrativa*; org. e trad. Tânia Carvalhal et alii. Porto Alegre, Globo, 1976, p. 129-138.
- KUJAWSKI, Gilberto de M.
 1979 *Fernando Pessoa, o outro*. 3ª ed., Petrópolis, Vozes, 1979.
- LACAN, Jacques
 1966 *Écrits*. Paris, Seuil, 1966.
 1978 *Escritos* [Écrits]; trad. Inês Oseki-Derpé. São Paulo, Perspectiva, 1978.
 1979 *O seminário*. Livro I: *Os escritos técnicos de Freud* [Le séminaire. Livre I: Les Écrits techniques de Freud – 1953-1954]; trad. Betty Milan. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
 1979b *O seminário*. Livro XI: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [Le séminaire. Livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la Psycanalyse – 1964]; trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- 1953 *O mito individual do neurótico*; trad. Cardoso e Cunha et alii. Lisboa, Assírio & Alvim, 1980.
 1981 *Le séminaire*. Livre III: *Les psychoses*. Texte établi par Jacques-Alain Miller. Paris, Seuil, 1981.
 1982 *O seminário*. Livro XX: *Mais, ainda* [Le séminaire. Livre XX: Encore]; trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

- LEACH, Edmund
1973 *As idéias de Lévi-Straus* [Lévi-Strauss]; São Paulo, Cultrix / Editora da Universidade de São Paulo, 1973, 119 p.
- LEBRUN, Gérard
s. d. Qual é o lugar da psicologia? *Psicologia atual*, Ano III, nº 17, s. d. p. 18-19.
- LEFEBRE, Henri
1980 *Lógica formal / Lógica dialética* [Logique formelle / Logique dialectique]; trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- LEIBNIZ, Wilhelm
1980 *Novos ensaios sobre o entendimento humano* [Nouveaux essais sur l'entendement humain par l'auteur du Systeme de l'harmonie préétablie]; trad. Luis João Barahúna. São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- LEITE, Dante Moreira
1979 *O amor romântico e outros temas*. 2ª ed. ampl. São Paulo, Nacional / Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- LEMINSKI, Paulo
1978 Poesia. *Código*. Salvador, nº 3, ago. 1978.
- LEROY, Maurice
1971 *As grandes correntes da linguística moderna* [Les grands courants de la linguistique moderne]; trad. Izidoro Blickstein & José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1971.
- LETRAS & ARTES
1988 Dossier [sobre Fernando Pessoa]. *Letras e Artes*. Porto, nº 11, 1 nov. 88, p. 7-14.
- LEVIN, Samuel R.
1975 *Estruturas linguísticas em poesia* [Linguistics structures in poetry]; trad. José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1975, 108 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude

1958 *Antropologia estrutural* [Anthropologie structurale]; trad. Chaim Katz & Eginardo Pires. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970.

1959 Aula inaugural [Leçon inaugurale]; trad. M^a Nazaré Soares. In COSTA LIMA (Org.). *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2^a ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 45-77.

1976 *O pensamento selvagem* [La pensée sauvage]; trad. M^a Celestre Souza & Almir Aguiar. São Paulo, Nacional, 1976.

LIMA, Francisco Ferreira de

1986 O reino e o habitat na poesia de Sophia de Mello Breyner. *Quinto império, Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Salvador, n^o 1, 1^o semestre de 1986, p. 79-92.

1989 Intenção, anti-intenção e seu ultrapasado: as três margens de um rio. *Estudos linguísticos e literários*. Publicação Semestral do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia. Salvador, N^o 6, dez. 89, p.43-61.

LIMA, Luiz Costa

1970 *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. (Org.) 2^a ed. Petrópolis, Vozes, 1970.

1976 *Estruturalismo e teoria da literatura*: introdução às problemáticas estética e sistêmica. Petrópolis, Vozes, 1973.

LIND, Georg Rudolf

1970 *Teoria poética de Fernando Pessoa*. Porto, Inova, 1970.

LIVROS DE PORTUGAL

1988 Um século de Pessoa. *Livros de Portugal*. Publicação mensal da Associação Portuguesa de Editores e Livreros. Lisboa, n^o 3, mar. 88.

LOBATO, Monteiro

1067 *Idéias de Jeca Tatu*. São Paulo, Brasiliense, 1967.

LOCKE, John

1978 *Ensaio acerca do entendimento humano* [An essay concerning human understanding]; trad. Anaor Aiex, 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

LOPARIC, Zeljko

1986 Uma leitura filosófica de Freud. (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP). *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanásile], n° 499. São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 86, p. 6-8.

LOPES, Oscar

1986 *Os sinais e os sentidos*. Lisboa, Caminho, 1986.

LOPES, Teresa Rita

1985 *Fernando Pessoa. Le théâtre de l'être* (Textes rassemblés, traduits et mis en situation). Paris, Éditions de la Différence, 1985.

1987 Uma casa-museu para Pessoa e 'os de Orpheu'. *Jornal de letras artes e idéias*. Lisboa, Ano VII, n° 248, 6 abr. 87, p. 12.

LOURENÇO, Eduardo

1981 *Fernando Pessoa revisitado. Leitura estruturante de um drama em gente*. 2ª ed. Lisboa, Moraes, 1981.

1983 *Poesia e metafísica. Camões, Antero, Pessoa* Lisboa, Sá da Costa, 1983.

1986 *Fernando, rei da nossa Baviera*. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1986.

LUKÁCS, Georg

1968 *Ensaio sobre literatura*; coordenação e prefácio de Leandro Konder; trad. Konder et alii. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

1970 *Introdução a uma estética marxista*. Sobre a particularidade como categoria da estética [Prolegomini a un'estetica marxista]; trad. Carlos Nelson Coutinho &

- Leandro Konder. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
- s. d. *Teoria do romance* [Die Theorie des Romans]; trad. Alfredo Margarido. Lisboa, Presença, s.d.
- LYONS, John
- 1972 *O que é a linguagem? Introdução ao pensamento de Noam Chomsky* [Chomsky]; trad. Bruno da Ponte. Lisboa, Estampa, 1972.
- 1979 *Introdução à linguística teórica* [Introduction to theoretical linguistics]; trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva & Hélio Pimentel. São Paulo, Nacional, 1979, XXVI + 545 p. (Biblioteca Universitária, 13).
- LYONS, John (organização)
- 1976 *Novos horizontes em linguística* [New horizons in linguistics]; trad. Geraldo Cintra et alii. São Paulo, Cultrix.
- MAIAKOVSKI, Wladimir
- 1969 *Como fazer versos*; trad. Antonio Landeira & ^a Manuela Ferreira. Lisboa, Dom Quixote 1969.
- MANNHEIM, Karl
- 1976 *Ideologia e utopia* [Ideology and utopia: an introduction to the sociology of knowledge]; trad. Sérgio Santeiro. 3^a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- MANNONI, Maud
- 1983 *El síntoma y el saber* [Le symptôme et le savoir]; trad. Margarita Mizraji. Barcelona, Gedisa, 1983.
- MARCELLESI, Jean-Baptiste & GARDIN, Bernard
- 1975 *Introdução à sociolinguística. A linguística social* [Introduction à la sociolinguistique]; trad. M^a de Lourdes Saraiva. Lisboa, Aster, 1975.
- MARGARIDO, Alfredo: As inquietações plásticas de Bernardo Soares. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2^o semestre de 1985, p. 27-46.
- MARTINET, André

- 1973 *Elementos de linguística geral* [Éléments de linguistique générale]; trad. Jorge Morais Barbosa. 5ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1973.
- MARX, Karl
- 1978 *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Seleção de José Arthur Giannotti, trad. José Carlos Bruni et alii. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- 1956 *Teses sobre Feuerbach*. In: Trechos escolhidos sobre filosofia; trad. Inácio Rangel. Rio de Janeiro, Calvino, 1956, p. 60-63.
- 1956b *Trechos escolhidos sobre filosofia*; trad. Inácio Rangel. Rio de Janeiro, Calvino, 1956.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich
- 1846 *A ideologia alemã*. Vol. I. (Crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feurbach, Bruno Bauer e Stirner, e do socialismo alemão na dos seus diferentes profetas); trad. Conceição Jardim & Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa, Presença, s.d.
- 1846b *A ideologia alemã*. Vol. II; trad. Conceição Jardim & Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa, Presença, s.d.
- 1971 *Sobre a literatura e a arte*; seleção e trad. Albano Lima. Lisboa, Estampa, 1971.
- 1978 *Manifesto do Partido Comunista* [Communist Manifest / Socialist Landmark]; trad. Regina Moraes, a partir da edição do Partido Trabalhista Britânico, em comemoração aos 100 anos do Manifesto. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- MCLUHAN, Marshall
- 1964 *Os meios de comunicação como extensões do homem* [Understanding media: the extensions of man]; trad. Décio Pignatari. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- MCLUHAN, Marshall & PARKER, Harley

1975 *O espaço na poesia e na pintura através do ponto de fuga* [Thought the vanishing point]; trad. Edson Bini et alii. São Paulo, Hemus, 1975.

MENN

1976 Cultura. *Enciclopédia Mirador Internacional*. São Paulo, Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1976, p. 3107-3113.

MERQUIOR, José Guilherme

1965 *Razão do poema*; ensaios de crítica e de estética. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

1969 *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin; ensio crítico sobre a escola neohgeliana de Frankfurt*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.

1972 *A astúcia da mímese. Ensaios sobre lírica*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.

1972b *Saudades do carnaval. Introdução à crise da cultura*. Rio de Janeiro, Forense, 1972.

1975 *O estruturalismo dos pobres e outras questões*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.

1980 *O fantasma romântico e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Vozes, 1980.

MAZZI, M^a Luísa Fernandez

1972 *Introdução à linguística românica*. Histórico e métodos. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

MOISÉS, Massaud

1988 *Fernando Pessoa e a esfinge*. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1988.

1988b Fernando Pessoa prosador. In: PESSOA. *O banqueiro anarquista e outras prosas*; seleção e introdução de Massaud Moisés. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1988.

MONTEIRO, Adolfo Casais (Organização, seleção e notas)

- 1965 *A palavra essencial. Estudos sobre a poesia*. São Paulo, Nacional / Ed. da Universidade de São Paulo, 1965.
- 1981 *Fernando Pessoa. Poesia*. 8ª ed. Rio de Janeiro, Agir, 1981.
- 1985 *A poesia de Fernando Pessoa* [Organização de José Blanco, contendo *Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa* e outros textos pessoanos]. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- MONZANI, Luiz Roberto
- 1986 O suplemento e o excesso. (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP). *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanásile], nº 499. São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 86, p. 2-3.
- MOURA, Maria Lacerda de
- [1970] Apêndice. In: Platão, *Apologia de Sócrates*; trad. e apêndice de Mª Lacerda de Moura; introdução de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s.d.
- MOREIRA, Virgílio Moretzsohn
- 1979 As cartas de amor que Fernando Pessoa escreveu – como se não fosse poeta *O Globo*, 20 mar. 79, p. 31
- NEVES, João Alves das
- 1980 Fernando Pessoa em francês. *Suplemento de O Estado de São Paulo*. Ano IV, nº 178, 30 mar. 80, p. 12-13.
- NIETZSCHE, Friedrich
- 1883-1885 *Assim falava Zaratustra* [Also sprach Zarathustra]; trad. Eduardo Nunes Fonseca, São Paulo, Hemus, s.d.
- 1986 *Ecce homo. Como alguém se torna o que é* [Ecce homo – Wie Man wird, was Man ist]; trad. Paulo César Souza. 2ª ed. São Paulo, Max Limonad, 1986.
- 1978 *Obras incompletas*; seleção de textos de Gérard Lebrun, trad. e notas de Rubens Torres Fº, posfácio de Antônio Cândido. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- NUNES, Benedito

- 1985 Personagem. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1985, p. 47-62.
- OGDEN, C. K. & RICHARDS, I. A.
 1972 *O significado de significado: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo; com ensaios suplementares de B. Malinowsky e F. G. Crookshank* [The meaning of meaning; a study of the influence of language upon thought and of the science of symbolism]; trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- OLIVEIRA, Adelmo et alii
 1972 *Breve romanceiro do natal*, Salvador, Beneditina, 1972 (Antologia com poemas de A. Oliveira, Antonio Brasileiro, Carlos Cunha, Carvalho Filho, Cid Seixas Fraga Filho, Fernando Batina de Mendonça, Florivaldo Mattos, Godofredo Filho, Humberto Fialho Guedes, Ildázio Tavares, José de Oliveira Falcón, M^a da Conceição Paranhos, Mariano Costa Rego (O. S. B.), Ruy Espinheira Filho e Wilson Rocha).
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso
 1976 *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo, Pioneira, 1976.
- PADRÃO, M^a da Glória
 1988 Para uma topologia da exclusão – aproximações. *Letras & Artes*, n^o 11, Porto, 1^o nov. 88, p. 8-9.
- PAES, José Paulo
 1985 *Gregos & baianos; ensaios*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- PAIVA, José Rodrigues de
 1982 *Sobre o primeiro modernismo português*. Recife, Pirata, 1982.
- PASSOLINNI, Pier Paolo
 1966 A poesia do novo cinema. *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, maio de 1966, p. 270.
- PAZ, Otávio

- 1972 O desconhecido de si mesmo: Fernando Pessoa. In: *Signos em rotação*. São Paulo, Perspectiva, 1972, p. 201-220.
- 1972b *Signos em rotação*; organização Celso Lafer & Haroldo de Campos; trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- PEIRCE, Charles Sanders
 1972 *Semiótica e filosofia* [Collected papers of Charles Sanders Peirce]; introd., seleção e trad. de Octanny Silveira da Mota & Leonidas Hegenberg. São Paulo, Cultrix, 1972.
- PELEGRINO, Hélio
 1974 Um rubi no umbigo. *Encontros com a Civilização Brasileira*, 9. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974, p. 193-204.
- PERINI, Mário Alberto
 1976 *A gramática gerativa. Introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte, Vigília, 1976.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla
 1973 *Falência da crítica. Um caso limite: Lautréamont*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- 1978 *Texto, crítica, escritura*. São Paulo, Ática, 1978.
- 1980 Lição de casa. In: BARTHES. *Aula*. Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, [Leçon]; trad e pós-fácio de Leyla Perrone Moisés. São Paulo, Cultrix, s.d., p. 49-89.
- 1985 O livro do desassossego: do mundo em falta à palavra plena. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1985, p. 9-19.
- 1988 Os amores pagãos. *Minas Gerais Suplemento literário*, Ano XXII, nº 1.110. (*Pessoa. Porque tudo é a vida*, edição especial organizada por Nádia Battella Gotlib) Belo Horizonte, 19 nov. 88, p. 4-5.
- PESSOA, Fernando

- 1972 *Obra poética*; organização, introdução e notas de M^a Aliete Galhoz. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972.
- 1975 *Ficções do interlúdio 1. Poemas completos de Alberto Caeiro*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1975.
- 1975b *Ficções do interlúdio 2-3. Odes de Ricardo Reis. Para além do outro oceano de Coelho Pacheco*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1975c *Ficções do interlúdio 4. Poesias de Álvaro de Campos*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1976 *Obras em prosa*; organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1976b *Mensagem. À memória do Presidente-Rei Sidónio Pais. Quinto Império. Cancioneiro*; anotações de M^a Alieta Galhoz. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1978 *Cartas de amor*; organização, posfácio e notas de David Mourão-Ferreira. Preâmbulo e estabelecimento do texto de M^a da graça Queiroz. Lisboa, Ática; Rio de Janeiro, Camões, 1978.
- 1982 *Livro do desassossego, por Bernardo Soares*. II volumes. Recolha e transcrição de textos: M^a Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha; prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Ática, 1982.
- PICCHIO, Luciana Stegagno: Reunificação de Fernando Pessoa. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2^o semestre de 1985, p. 21-26.
- PICCHIO, Luciana Stegagno & JAKOBSON, Roman
1970 Os oxímoros dialéticos de Fernando Pessoa. In: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970, p. 93-118.
- PIGNATARI, Décio
1971 *Contracomunicação*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
1973 *Informação. Linguagem. Comunicação*. 6^a ed. São Paulo, Perspectiva, 1973.

- 1974 *Semiótica e literatura*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- PIMENTEL, Osmar:
- 1974 Língua, literatura e trópico. In: *Trópico &* (Trabalhos apresentados e debates travados no Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco, no decorrer do ano de 1968, sob a direção de Gilberto Freire). Recife, Editora Universitária, UFPe., 1974, p. 37-113.
- PLATÃO
- 387-380 a. C. *Diálogos. Mênon – Banquete – Fedro*; trad. do grego por Jorge Paleikat. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s. d.
- 399 a. C. *Apologia de Sócrates*; trad. e apêndice de M^a Lacerda de Moura; introdução de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s. d.
- 1964 *A república*; trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre, Globo, 1964.
- 1966 *Obras completas*; traducción del griego, preámbulos y notas por María Araujo et alii. Madrid, Aguilar, 1966.
- POE, Edgar Allan
- 1965 *Ficção completa, poesia & ensaios*; organização, tradução e notas de Oscar Mendes, com a colaboração de Milton Amado. Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.
- PORTELLA, Eduardo
- 1974 *Fundamento da investigação literária*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1974.
- 1973 *Teoria da comunicação literária*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.
- POUND, Ezra
- 1970 *ABC da literatura* [ABC of reading]; trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1970.
- 1976 *A arte da poesia*; ensaios escolhidos [How to read / A retrospect / The serious artist / The teacher's mission / Date line]; trad. Heloysa Dantas e José Paulo Paes.

- São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- PRIETO, Luis J.: *Mensagens e sinais* [Messages et signaux]; trad. Anne Arnichand & Álvaro Lorencini. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- QUADROS, Antônio
1984 *Fernando Pessoa. Vida, personalidade e gênio*. 2ª ed. Lisboa, Dom Quixote, 1984.
- READ, Hebert
1967 *As origens da forma na arte* [The origins of form in art]; trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.
- REICH, Wilhelm
1977 *Materialismo dialético e psicanálise* [Verlag fur Sexualpolitik]; trad. J. J. Ramos. Lisboa, Presença / Rio, Martins Fontes, 1977.
- RENZI, Emílio
1970 Sobre a noção do inconsciente de Lévi-Strauss. In: LIMA, Luis Costa. *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 107-113.
- RIBEIRO, Darcy
1970 *Os índios e a civilização*; a integração das populações indígenas no Brasil moderno. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
1975 *Configurações histórico-culturais dos povos americanos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.
- RIBEIRO, João
1969 *O folclore*. Rio de Janeiro, Simões / Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro-MEC, 1969.
- RICARDO, Cassiano
1964 *Algumas reflexões sobre poética de vanguarda*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964.
- RICOEUR, Paul
1970 Estrutura e hermenêutica. In: LIMA, Luis Costa (Org.). *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 157-191.

- 1977 *Da interpretação: ensaio sobre Freud* [De l'interprétation: essai sur Freud]; trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques
- 1756 *Ensaio sobre a origem das línguas; no qual se fala da melodia e da imitação musical* [Essai sur l'origine des langues où il est parlé de la mélodie et de l'imitation musicale]; trad. Lourdes Machado. *Obras políticas*, Vol. II. Porto Alegre, Globo, 1962, p. 417-479.
- 1762 *Do contrato social; ou Princípios do direito político* [Du contrat social ou principes du droit politique]; trad. Lourdes Machado. *Obras políticas*. Vol. II. Porto Alegre, Globo, 1962, p. 1-165.
- RUSSEL, Bertrand
- 1976 *Nosso conhecimento do mundo exterior*. Estabelecimento de um campo para estudos sobre o método científico em filosofia [Our knowledge of the external world; as a field for scientific method in philosophy]; trad. R. Haddock Lobo. São Paulo, Nacional, 1966.
- 1977 *História da filosofia ocidental*. Vol. I: *A filosofia antiga* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- 1977b *História da filosofia ocidental*. Vol. II: *A filosofia católica* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- 1977c *História da filosofia ocidental*. Vol. III: *A filosofia moderna* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de
- 1912 *Loucura*. 3ª ed. Lisboa, Rolim, s.d.
- 1974 *Todos os poemas*. Org. Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1974.
- SALLES, David
- 1980 *Do ideal às ilusões*. Alguns temas da evolução do ro-

mantismo brasileiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira / Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1980.

SANTAELLA, Lúcia

1985 *O que é semiótica*. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1985.

1986 *Convergências*; poesia concreta e tropicalismo. São Paulo, Nobel, 1986.

SANT'ANNA, Affonso Romano de

1985 *Como se faz literatura*. Petrópolis, Vozes / IBASE, 1985.

SANTOS, Wendel

1977 *Crítica sistemática*. Goiânia, Oriente / Universidade Federal de Goiás / Secretaria de Educação e Cultura, 1977.

1978 *A construção do romance em Guimarães Rosa*. São Paulo, Ática, 1978.

1978b *Os três reais da ficção*. Petrópolis, Vozes, 1978.

SAPIR, Edward

1954 *A linguagem*; introdução ao estudo da fala [Language: an introduction to the study of speech]; trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Instituto Nacional do livro – INL, 1954.

SARAMAGO, José

1985 *O ano da morte de Ricardo Reis*. 6ª ed. Lisboa, Caminho, 1985.

SARTRE, Jean-Paul

1982 *A imaginação* [L'imagination]; trad. Luiz Fortes, 1982.

SAUSSURE, Ferdinand de

1916 *Curso de linguística geral* [Cours de linguistique generale]; trad. Antonio Chelini et alii. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972.

SCHILLER, Friedrich

1963 *Cartas sobre a educação estética da humanidade* [Über die Ästhetische Erziehung des Menschen]; trad. Anatol Rosenfeld. São Paulo, Herder, 1963.

SHAFF, Adam

- 1968 A definição funcional de ideologia e o problema do 'fim do século da ideologia'. *Documentos*, n° 2, São Paulo, 1968, p. 7-23.
- 1974 *Linguagem e conhecimento* [Język a Poznanie]; trad. Manuel Reis (do texto francês estabelecido por Claire Brendel. Coimbra, Almedina, 1974.
- 1975 A gramática generativa e a concepção das ideias inatas. In SHAFF et alii: *Linguística, sociedade e política*; trad. Ana M^a Brito & Gabriela Matos. Lisboa, Edições 70, 1975, p. 9-43.
- 1976 La objetividad del conocimiento a la luz de la sociología del conocimiento y del análisis del lenguaje. In: VERÓN, Eliseo (Selección). *El proceso ideológico*. Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo, 3^a ed., 1976, p. 47-79.
- 1978 *História e verdade* [Histoire et vérité]; trad. M^a Paula Duarte. São Paulo, Martins Fontes, 1978.

SECCHIN, Antonio Carlos

- 1983 *Elementos*; poesia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983.

SEIXAS, Cid

- 1974 Poética, uma subversão linguística, segundo Jakobson. *Jornal de Cultura*, n° 11. Salvador, *Diário de Notícias*, 7 abr. 74, p. 5.
- 1977 *O significando; superação da dicotomia do signo linguístico na semiótica poética*. Rio de Janeiro, comunicação ao XV Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, 1977.
- 1977b A subjetividade como o elemento formativo da linguagem poética. *Minas Gerais Suplemento Literário*, n° 582. Belo Horizonte, 1977, p. 6-7.
- 1978 A falência do estruturalismo ou a remissão dos pecados do objeto. *Minas Gerais Suplemento Literário*, n° 612.

- Belo Horizonte, 1978, p. 6-7. Revisto e republicado em *Veritas*. Revista da PUC do Rio Grande do Sul, vol. XXV, n° 98. Porto Alegre, jun. 80, p. 194-200.
- 1978b A linguagem dos sentidos na poética musical de Stravinsky. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho, Vol. II, n° 5, Rio de Janeiro, 1978, p. 26-31.
- 1978c *O signo selvagem; metapoema*. Salvador, Margem; Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.
- 1978d Manifesto à aldeia marginal: a ideologia contestatória da arte como signo selvagem. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho, Vol. III, n° 10. Rio de Janeiro, jul./set. 79, p. 45-46.
- 1979 A ideologia da linguagem como criação literária. *Encontros com a Civilização Brasileira*, vol. 9. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, p. 153-160.
- 1980 Sobre o conto e o poema; a contribuição da crítica. *Minas Gerais Suplemento Literário*, n° 732. Belo Horizonte, 4 nov. 80, p. 5.
- 1980b A ideologia do signo na ficção de Herculano. VI ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS DE LITERATURA PORTUGUESA (Assis, 16 a 19 de agosto de 1978): *Conferências e comunicações*. Assis, UNESP, 1980, p. 262-265.
- 1981 *O espelho de Narciso*. Livro I: *Linguagem, cultura e ideologia no idealismo e no marxismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira / Brasília, Instituto Nacional do Livro-INL, 1981.
- 1981b Sua neurose é uma obra de arte ou sua obra de arte é uma neurose? *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XIV, n° 745. Belo Horizonte, 10 jan. 81, p. 6.
- 1982 Da presença de Eros na poesia romântica. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XV, n° 829. Belo Horizonte, 21 ago. 82, p. 6-7.

- 1982b O desatino e a lucidez da criação. Fernando Pessoa e a neurose como fonte poética. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XV, nº 835. Belo Horizonte, 2 out. 82, p. 1-2.
- 1982c *Fragmentos do diário de naufrágio*; poesia. Salvador, Oficina do Livro, 1992.
- 1983 *Do inconsciente à linguagem*. As ordenações semióticas do difuso e a linguagem como condição da consciência na teoria freudiana. São Paulo (Trabalho apresentado à Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da USP), 1983.
- 1984 Uma estética marxista: Della Volpe. *Estudos linguísticos e literários*, nº 1. Salvador, Universidade Federal da Bahia, mai. 84, p. 93-101.
- 1985 A obra literária como espaço de transgressão. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XX, nº 1.003. Belo Horizonte, 21 dez 85, p. 3.
- 1989 A encenação do desejo no discurso da arte. *Minas Gerais Suplemento Literário*, nº 1130. Belo Horizonte, 16 set. 89, p. 2-3.
- 1989b Miguel Torga. O conto como metáfora da criação artística. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XIX, nº XIX, n. 901. Belo Horizonte, 7 de jan. 84, p. 45-46 *Quinto Império*. Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa, nº 1. Salvador, Gabinete Portugues de Leitura, 2º semestre de 89, p. 31-41).
- 1989c Poesia e conhecimento em Fernando Pessoa. *Quinto Império*; Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa, nº 2, Salvador, Gabinete Portugues de Leitura / Associação de Estudos Portugueses Hélio Simões, 1989, p. 21-44.
- 1997 *O lugar da linguagem na teoria freudiana*; ensaio. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. (Col. Casa de Palavras)

- 2016 *Castro Alves e o reino de eros*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/eros>.
- 2016b *Stravisky: uma poética dos sentidos. Ou a música como linguagem das emoções*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/stravisky>.
- 2016c *Do inconsciente à linguagem. Uma teoria da linguagem na descoberta de Freud*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/inconsciente>.
- SEIXO, M^a Alzira
 1986 O Livro do desassossego e as ficções da intimidade. In: *A palavra no romance*. Ensaios de genologia e análise. Lisboa, Horizonte, 1986.
- SENA, Jorge de
 1984 *Fernando Pessoa & C^a Heterónima* (Estudos coligidos, 1940-1978), prefácio e organização de Mécia de Sena. 2^a ed. Lisboa, Edições 70, 1984.
- SIMÕES, João Gaspar
 1931 *O mistério da poesia*. Ensaios de interpretação da gênese poética. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931.
 1983 *Fernando Pessoa. Breve história da sua vida e da sua obra*. Lisboa, Difel, 1983.
- SOURIAU, Etienne: *Chaves da estética* [Cleps pour l'esthétique]; trad. Asearina Belém. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973.
- SPERBER, Dan
 1978 *O simbolismo em geral* [Le syymbolisme en général]; trad. Frederico Barros & Oswaldo Xidieh. São Paulo, Cultrix, 1978.
- STALIN, J.
 1950 *Sobre o marxismo na linguística*. Santo André. Centro de Cultura Operária, s. d.

- STAROBINSKI, Jean
 1974 *As palavras sob as palavras*. Os anagramas de Ferdinand de Saussure [Les mots sous les mots]; trad. Carlos Vogt. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- SUASSUNA, Ariano
 1975 *Iniciação à estética*. Recife, Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1975.
- TABUCCHI, Antonio
 1984 *Pessoana mínima*. Lisboa, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984.
- TALES DE MILETO et alii
 1978 *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Seleção de José Cavalcante de Souza, trad. J. C. de Souza et alii. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- TELES, Gilberto Mendonça
 1972 *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Apresentação crítica dos principais manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. Petrópolis, Vozes, 1972.
- TODOROV, Tzvetan
 1970 *Estruturas narrativas*, trad. Leyla Perrone-Moisés. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1970.
 1973 *Literatura e significação* [Littérature et signification]; trad. Antonio José Massano. Lisboa, Assírio & Alvim, 1973.
 1976 *Estruturalismo e poética* [Qu'est-ce que le structuralisme? Poétique], trad. José Paulo Paes & Frederico Pessoa de Barros. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1976.
- TODOROV et alii
 1972 *Semiologia e linguística*. Seleção de ensaios da revista "Communications". 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1972.
 1977 *Linguagem e motivação*. Uma perspectiva semiológica; org. e trad. Ana Mariza Ribeiro Filipouski et alii. Porto Alegre, Globo, 1977.

TOMACHEVSKY, Boris

1971 Temática, in: ENKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 169-204.

TOMÁS DE AQUINO, Santo

1979 *Compêndio de teologia* [Compendium theologiae]; trad. Luís J. Baraúna, in TOMÁS DE AQUINO et alii: *Seleção de textos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 69-101.

1979b Textos da suma teológica [Summa theologica]; trad. Alexandre Correia, in: TOMÁS DE AQUINO et alii. *Seleção de textos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 103-146.

TABUCCHI, Antonio

1984 *Pessoana mínima*. Escritos sobre Fernando Pessoa; trad. Antonio Tabucchi et alii. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

TRINDADE, Liana S.

1978 Analogia entre linguagem e sociedade: sobre a origem e desenvolvimento da linguagem. In: *As raízes ideológicas das teorias sociais*. São Paulo, Ática, 1978, p. 106-109.

TROTSKY, Leon

1971 A escola poética formalista e o marxismo, in: EIKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 71-85.

TYNIANOV, Júri & JAKOBSON, Roman

1971 Os problemas dos estudos literários e linguísticos, in: EIKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 95-97.

ULLMANN, Stephen

1970 *Semântica. Uma introdução à ciência do significado* [Semantics: An introduction to the science of meaning]; trad. Osório Mateus. 2ª ed., Lisboa, Gulbenkian, 1970.

VÁRIOS AUTORES

1963 Respostas a algumas questões. Respostas de Claude Lévi-Strauss a questões formuladas por Paul Ricoeur, Marc Gaboriau, Mikel Dufrenne, Jean-Pierre Faye, Kostas Axelos, Jean Lautman, Jean Cusinier, Pierre Hadot e Jean Conilh, no último encontro do “Groupe philosophique” de *Esprit*, em junho de 1963. In: LIMA, Luis Costa. *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 192-220.

VELHO, Gilberto & CASTRO, E. B. Viveiros de

1978 O conceito de cultura e o estudo de sociedades complexas: uma perspectiva antropológica, *Artefato*, nº 1, Rio de Janeiro, Conselho Estadual de Cultura, 1978, p. 4-9.

VICO, Giambattista

1725 *Princípios de uma ciência nova* [Principi di aienza nuova]; trad. Antonio Prado. São Paulo, Abril Cultural, 1979.

VOGT, Carlos

1977 *Linguagem e poder*. Campinas, UNICAMP, 1977, 19 p. (Policopiado).

WARTBURG, Walther von & ULLMANN, Stephen

1943 *Problemas e métodos da linguística* [Problèmes et méthodes de la linguistique]; traduzido do francês por Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo, Difel, 1975.

WELLEK, René

1965 *Conceitos de crítica* [Concepts of criticism]; trad. Oscar Mendes. São Paulo, Cultrix, s. d.

WELLEK, René & WARREN, Austin

1971 *Teoria da literatura* [Theory of literature]; trad. José Palla e Carmo. 2ª ed., Lisboa, Europa-América, 1971.

WITTGENSTEIN, Ludwig

1968 *Tractatus logico-philosophicus*; trad. e apresentação de José Arthow Giannotti. São Paulo, Nacional, 1968.

1972 *Investigações filosóficas* [Philosophische Untersuchungen), trad. José Carlos Broni. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1979.



Fernando Pessoa, pintura de Lélia Parreira.

LIVROS DO AUTOR

POESIA

Temporário; poesia. Salvador, Cimape, 1970 (Coleção Autores Baianos, 3).

Paralelo entre homem e rio: Fluviário; poesia. Salvador, Imprensa Oficial da Bahia, 1972.

O signo selvagem; metapoema. Salvador, Margem / Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

Fonte das pedras; poesia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979.

Fragmentos do diário de naufrágio; poesia. Salvador, Oficina do Livro, 1992.

O espelho infiel; poesia. Rio de Janeiro, Diadorim, 1996.

ENSAIO E CRÍTICA

O espelho de Narciso. Livro I: *Linguagem, cultura e ideologia no idealismo e no marxismo*; ensaio. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1981.

- A poética pessoana: uma prática sem teoria*; ensaio. Salvador, CEDAP; Centro de Editoração e Apoio à Pesquisa, 1992.
- Godofredo Filho, irmão poesia*; ensaio. Salvador, Oficina do Livro, 1992. (Tiragem fora do comércio.)
- Poetas, meninos e malucos*; ensaio. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1993. (Cadernos Literatura & Linguística, 1.)
- Jorge Amado: Da guerra dos santos à demolição do eurocentrismo*; ensaio crítico. Salvador, CEDAP, 1993.
- Literatura e intertextualidade*; ensaio. Salvador, CEDAP, 1994.
- Herberto Sales. Ensaio sobre o escritor*. Salvador, Oficina do Livro, 1995.
- O viajante de papel*. Perspectiva crítica da literatura portuguesa. Salvador, Oficina do Livro, 1996.
- Triste Bahia, oh! quão dessemelhante*. Notas sobre a literatura na Bahia. Salvador, Egba; Secretaria da Cultura, 1996.
- O lugar da linguagem na teoria freudiana*; ensaio. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. (Col. Casa de Palavras)
- O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga*; ensaios. Salvador, Oficina do Livro, 1999.
- O trovadorismo galaico-português*; ensaio crítico e antologia. Feira de Santana, UEFS, 2000.
- Três temas dos anos trinta*; textos de crítica literária. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Cadernos de sala de aula, 1)
- Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira*. Org., intr. e notas Rubens Alves Pereira e Elvya Ribeiro Pereira. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Col. Literatura e diversidade Cultural, 10)
- Desatino romântico e consciência crítica*. Uma leitura de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. 2ª ed. Salvador, Rio do Engenho, 2016.
- Da invenção à literatura. Textos de filosofia da linguagem*. Salvador, Rio do Engenho / Copenhagen, E-Book.Br, 2017.

NO EXTERIOR

The savage sign / O signo selvagem; poesia; trad. Hugh Fox. Lansing, Ghost Dance, 1983. (Edição bilingue norte-americana.)

E-BOOKS

Desatino romântico e consciência crítica. Uma leitura de Amor de Perdição, de Camilo Castelo Branco. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2014. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/camilo>

O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga, 2 ed. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/torga>

Literatura e intertextualidade. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/docs/intertextualidade>

Noventa anos do modernismo na Feira de Santana de Godofredo Filho. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/godofredofilho>

Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira. 2 ed., Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/cidseixas1/docs/cabra-cega>

Da invenção à literatura. Textos de teoria e crítica. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/invencao>

Orpheu em Pessoa. Org. Cid Seixas e Adriano Eysen. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/orpheu>

Do inconsciente à linguagem. Uma teoria da linguagem na descoberta de Freud. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016.

- Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/inconsciente>
- A *Literatura na Bahia*. Livro 1: *Tradição e Modernidade*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/tradicaomoderidade>
- 1928: *Modernismo e Maturidade*. Livro 2 de *A Literatura na Bahia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/1928>
- Três Temas dos Anos 30*. Livro 3 de *A Literatura na Bahia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/anos30>
- A *essência ideológica da linguagem*. Livro I de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem1>
- Linguagem e conhecimento*. Livro II de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem2>
- Sob o signo do estruturalismo*. Livro III de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem3>
- O contrato social da linguagem*. Livro IV de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem4>
- A *Linguagem: do idealismo ao marxismo*. Livro V de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem5>
- Stravinsky: uma poética dos sentidos. Ou a música como linguagem das emoções*. Copenhagen, Issuu, E-Book. Br, 2016.

- Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/stravinsky>
- Castro Alves e o reino de eros*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/eros>
- Espaço de convenção e espaço de transgressão*. Livro I de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/1.espaco>
- A construção do real como papel da cultura*. Livro II de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixasr/docs/2.construcao>
- A poesia como metáfora do conhecimento*. Livro III de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/3.poesia>
- O signo poético, ficção e realidade*. Livro IV de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/4.signo>
- Do sentido linear à constelação de sentidos*. Livro V de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/5.sentido>
- O Eco da interdição ou o signo arisco*. Livro VI de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/6.eco>
- A poética pessoana: uma prática sem teoria*. Livro VII de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/6.poetica>

O desatino e a lucidez da criação em Pessoa. Livro VIII de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/8.desatino>

Uma utopia em Pessoa: Caeiro e o lugar de fora da cultura. Livro IX de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/9.caeiro>



Cid Seixas é jornalista e escritor. Antes de se tornar professor universitário, atuou na imprensa como repórter, *copy desk* e editor, trabalhando em rádio, jornal e televisão. Fundou e dirigiu um dos mais qualificados suplementos literários, o *Jornal de Cultura*, publicado pelo antigo Diário de Notícias. Graduado pela UCSAL, Mestre pela UFBA e Doutor em Literatura pela USP. Na área de editoração, dedica-se a planejamento e projeto de livros e outras publicações. Além de ter colaborado com jornais e revistas especializadas, entre os quais *O Estado de S. Paulo* e a *Colóquio*, de Lisboa, assinou, durante cinco anos, a coluna “Leitura Crítica”, no jornal *A Tarde*.

É Professor Titular aposentado da Universidade Federal da Bahia e Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana, onde atuou nos projetos de criação do Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural, bem como da UEFS Editora.

UMA UTOPIA EM PESSOA: CAEIRO E O LUGAR DE FORA DA CULTURA

Do mesmo modo que o poeta Alberto Caeiro é uma figura de ficção, a natureza por ele evocada em refutação ao simbólico é também uma natureza simbólica, ou, mais precisamente, uma *natureza hipostasiada*: uma conjectura filosófica.

www.linguagens.ufba.br

www.e-book.ufes.br

<https://issuu.com/cidseixas/docs/9.caeiro>

<https://issuu.com/ebook.br/docs/9.caeiro>

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL